

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Lívia de Oliveira Mendes

**DA MASCULINIZAÇÃO À ABERRAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS  
OBRAS SOBRE VIDA E A LÍRICA DE SOROR JUANA INÉS DE LA CRUZ**

Mariana  
2022

LÍVIA DE OLIVEIRA MENDES

**DA MASCULINIZAÇÃO À ABERRAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS  
OBRAS ACERCA DA VIDA E DA LÍRICA DE SOROR JUANA INÉS DE LA CRUZ**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Universidade Federal de Ouro Preto como parte  
dos requisitos necessários para a obtenção do  
Grau de Bacharel em História.

Prof. Orientador: Bruno Tadeu Salles

Mariana

2022



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Lívia de Oliveira Mendes

**Da Masculinização à Aberração: uma análise dos discursos nas obras sobre vida e lírica de Soror Juana Inés de la Cruz**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e História

Aprovada em 16 de janeiro de 2023

### Membros da banca

Doutor Bruno Tadeu Salles - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutor Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (Universidade Estadual de Campinas)  
Doutor Daniel Wanderson Ferreira (Universidade Federal de Ouro Preto)

Bruno Tadeu Salles, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/01/2023



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Tadeu Salles, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/01/2023, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0463131** e o código CRC **73D86CA5**.

A vos, mexicana Musa, Que en ese  
sagrado aprisco Del convento hacéis  
Parnaso, Del Parnaso paraíso; Por quien  
las Nueve del Coro [...] Bien sé que  
versificar Con vos, fuera gran delito,  
Bien que no se ofende el mar De que le  
tribute un río.

## AGRADECIMENTOS

À Marcela, minha mãe, porque todos os seus sacrifícios não foram em vão. À Giulia e Luiza, minhas irmãs, porque dividir a vida com vocês me mostrou que lar é onde quer que nós estejamos juntas. Ao José Benedito e Maria José, meus avós, porque depois de mergulhar no caos do mundo, posso voltar pra casa e sei que vocês estarão me esperando. Ao professor Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, pela intelectualidade inspiradora e por ter acreditado no meu trabalho quando nem eu acreditava ainda, sem você nada disso seria possível. Ao professor Bruno Tadeu Salles, seu apoio foi o que me manteve firme até aqui. Ao presidente Lula, por ter acreditado e criado os meios para que eu pudesse chegar à universidade. À Ana Laura, porque todas as metáforas náuticas dos gregos antigos não foram capazes de me preparar para a potência deste encontro de mares; você foi leveza e afeto para os meus dias. Ao Lucas Aragão, meu amigo e colega de profissão, que me presenteou com o livro que deu origem a toda esta pesquisa e pelas horas dissolvidas em conversas profundas. À Maria Luísa, pela curva dos seus ombros e as horas infinitas de conversas e risadas. À Alice Silveira, pela ajuda neste e em tantos outros trabalhos e pelas centenas de horas que fomos felizes na sublime beleza do cotidiano. Ao Sidnei, pelos anos de amizade e pela memória e orgulho de pertencer ao lugar de onde viemos. Ao Higor, por sempre ter sido uma bússola quando eu precisava encontrar o caminho de volta pra mim. À Bataclan, porque o lar é onde você se sente amado. Aos meus Guias, porque eu sou a força dos meus orixás. À UFOP e ao ICHS, pelo espaço que achei que nunca iria acessar, por tudo e por tanto.

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar as obras produzidas acerca da vida e da lírica de Soror Juana Inés de La Cruz, poeta mexicana do século XVII. Pretendemos analisar e entender como a tópica dos amores terrenos, principalmente da hipótese da homossexualidade da poeta, passa de inexistente entre os séculos que vão do XVII ao XIX, para adquirir uma certa centralidade durante o XX, sobretudo nas obras de caráter biográfico. Ao fim e ao cabo, mais do que pensar o trabalho produzido por esses autores a respeito da vida e da obra de Soror Juana, analisaremos os discursos que se produziram acerca desses textos e a preponderância que o tema da sexualidade ganhou com o tempo e com os intérpretes, assim como analisar a construção de uma certa memória sobre sóror Juana muito atrelada a questão da sexualidade na atualidade.

**Palavras-chave:** Soror Juana; Sexualidade; Discurso.

## **ABSTRACT**

This work intends to analyze the pieces produced about the life and lyrics of Soror Juana Inés de La Cruz, a Mexican poet of the 17th century. We intend to analyze and understand how the topic of earthly loves, namely the hypothesis of the poet's homosexuality, goes from non-existent during the 17th to the 19th centuries to acquiring centrality in the author's biographical works during the 20th century. Ultimately, in addition to thinking about the work produced by these authors about the life and works of Soror Juana, we will analyze the discourses that were created about these texts and the preponderance that the theme of sexuality has gained with time and new interpretations, as well as analyze the construction of the memory of Soror Juana that is very much linked to the issue of sexuality in the present day.

**Keywords:** Soror Juana; Sexuality; Discourse.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1: UMA PREDESTINAÇÃO SACROSSANTA.....</b>	<b>14</b>
1.1 Um dizer rodeado de silêncios.....	17
1.2 Entre o manuscrito e o Fama: vestígios e aproximações.....	24
1.3 A consolidação da máscara santa: O século XVIII como ponto de sacralização e as primeiras fissuras.....	26
<b>CAPÍTULO 2: SE ES QUE SOY MUJER.....</b>	<b>28</b>
2.1 A Sublimação no Alto Nume .....	30
2.2 Ouve-me com os olhos .....	36
<b>CAPÍTULO 3: YO LA PEOR DE TODAS .....</b>	<b>41</b>
3.1 Diversa de si mesma.....	42
3.2 Acá Salmácis falta.....	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>54</b>



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Até o século XIX, pensava-se que Juana Inês houvesse nascido em 12 de novembro de 1651, em função de sua primeira biografia, escrita por Diego de Calleja<sup>1</sup>. No entanto, descobertas mais recentes nos levam a crer que é quase certo que ela tenha nascido em 2 dezembro de 1648, por uma certidão descoberta por Alberto G. Salceda e Guillermo Ramírez España<sup>2</sup>. Na Paróquia de Chimalhuacan, na época sob a jurisdição de Nepantla, a certidão ainda atesta que é “filha da Igreja”, ou seja, filha natural, nascida fora dos laços de matrimônio constituído e oficializado. Juana era fruto do primeiro relacionamento de sua mãe, Isabel Ramírez, com Pedro Manuel de Asbaje, pai de outros dois irmãos de Juana (enquanto os outros três filhos de Isabel nasceriam filhos do capitão Diego Ruiz Lozano).

A parte materna da família de Juana foi majoritariamente *criolla*. Sua família era arrendatária de duas fazendas, uma em Nepantla, onde Juana Inês nasceu e a outra em Panoyán, onde ela passou boa parte de sua infância. A respeito da infância sabemos muito pouco, as informações são fragmentadas. O padre Diego de Calleja<sup>3</sup> escreve que ela foi enviada para a casa do avô, Pedro Ramírez, aos 8 anos de idade. Depois do falecimento do progenitor, em 1656, foi mandada para a cidade do México para morar com sua tia materna, doña María Ramírez e seu marido Juan de Mata. Sabemos pelos escritos de Calleja que, durante esse tempo, ela aprendeu Latim em vinte sessões, com o professor bacharel Martín Olivas, a quem Soror jovem dedicou mais tarde um soneto acróstico em que o compara a Arquimedes.

Oito anos depois de chegar aos Mata, Soror já com 16 anos, foi apresentada a recém-chegada vice-rainha Leonor Carreto, quando foi admitida a seus serviços como dama de companhia, sob o título de “muito querida da senhora vice-rainha”. Juana, como mostram seus poemas, teve uma relação muito próxima com Dona Leonor, a quem dedicou vários sonetos sob o nome poético de Laura (em alusão a Petrarca). Embora tenham o tema do amor, esses textos parecem ter provocado menos os intérpretes que os consideram mais reservados do que aqueles que serão mais tarde dedicados a outra vice-rainha, Maria Luisa Gonzaga.

Em 1667, Juana ingressa no convento de San José de las Carmelitas descalças, uma ordem particularmente austera. Passados três meses, ela deixa o convento. Muitos autores

---

<sup>1</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España

<sup>2</sup> Ramírez España, Guillermo y Alfredo G. Salceda, «El acta de bautismo de Soror Juana Inés de la Cruz. Ábside xvi, 1952.

<sup>3</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España

pensam que ela escolhera a vida religiosa por vocação. É evidente que era uma "católica sincera". O ponto ao qual nos referimos não é a sua ortodoxia, mas ao fato de que, nesse período, sua vida religiosa ser considerada como uma ocupação nobre em meio a poucas outras possíveis a uma jovem com o perfil de Juana, "filha da igreja". Nem mesmo nos 26 anos que passou no convento de San Jerónimo pode-se dizer que tenha demonstrado alguma devoção excepcional. A hipótese mais plausível é, portanto, que tenha entrado para o claustro por conveniência, principalmente porque, ao voltar ao Palácio, conheceu Antônio Núñez de Miranda, que será seu mentor e confessor. Sob sua tutela, em 1669, entrou para Ordem Jerônima, com regras bem mais flexíveis que a das carmelitas. Sua escolha pelo convento foi descrita por ela mesma em *Respuesta a Soror Filotea de la Cruz*:

cuyo primer respeto (como al fin más importante) cedieron y sujetaron la cerviz todas las impertinencias de mi genio, que eran de querer vivir sola; de no querer tener ocupación obligatoria que embarazase la libertad de mi estudio, ni rumor de comunidad que impidiese el sosegado silencio de mis libros<sup>4</sup>

A vida no convento de São Jerônimo era bem particular, ou seja, cada uma das freiras tinha uma cela e nela trabalhava, rezava e comia, assim como poderia receber visitas de outras freiras. O convento funcionava junto de um colégio de meninas, famoso por suas aulas de música, dança e teatro. Soror Juana participou de muitas dessas atividades, escreveu além de vilancicos, muitas loas e letras de vários bailes. Apesar da "vida particular", as freiras também tinham obrigações em relação a reuniões durante os atos diários da liturgia, a missa, as rezas das sete horas canônicas e se viam constantemente em suas celas.

Em 8 de maio de 1680, o marquês de la Laguna foi nomeado vice-rei da Nova Espanha. O costume de erguer arcos triunfais para a chegada dos vice-reis era uma tradição desde os primeiros anos da nova Espanha e um dos arcos foi comissionado por Soror Juana, com o título abreviado de Neptuno Alegórico, no qual a freira buscou representar o Vice-rei e sua esposa Maria Luisa a partir das figuras de Netuno e Anfitrite. A boa impressão causada pela complexidade e beleza da obra aproximou Soror Juana dos novos vice-reis, mais especificamente da vice-rainha. Juana dedicou diversos poemas à D. Maria Luisa, e estes escritos sugerem que elas se viam com certa frequência e que gozavam de alguma/certa intimidade.

Nos próximos anos, sob a proteção dos vice-reis, a poeta acumulou escritos, fornecendo comédias e poemas para festividades e cerimônias públicas e da corte, solenidades litúrgicas

---

<sup>4</sup> Respuesta a Soror Filotea. In: IMBERT, E. A. e FLORIT, E. Literatura hispanoamericana. -

para catedrais do México e de Puebla, que lhe amealharam fama na Nova Espanha, e a tornaram conhecida em alguns círculos da Europa e da América do Sul. Os conflitos entre a religiosa e a hierarquia eclesiástica já existiam nesse período, mas havia ali um fino véu de tolerância sustentado pelo palácio vice-real, assim como por alguns nomes de peso da Igreja, admiradores do trabalho de Juana, como frei Payo de Riveira, que foi arcebispo-vice-rei entre 1674 e 1680, e Fernández de Santa Cruz, bispo de Guadalajara e, mais tarde, de Tlaxcala.

A partir de 1690, com a circulação da “Carta Atenagórica”, em que fazia severas críticas ao jesuíta Antônio Vieira, a situação de Juana com a Igreja se agravou. Sabemos pela *Respuesta a Soror Filotea de la Cruz* que diversos relatórios foram enviados à igreja em Nepantla, nos quais intervieram vários clérigos a seu favor, ao passo em que outros a atacaram com furor. As tentativas do clero de não dar publicidade ao incidente não apaziguaram as críticas. A posição de Nuñez Miranda, seu confessor, não foi menos dura, ele retirou sua ajuda à freira e se negou a vê-la.

Não sabemos ao certo o que a levou a deixar as letras. Apenas temos ciência que, pelos textos escritos pela freira nos anos seguintes, sua situação não era nada fácil depois dos dois polêmicos escritos (*Carta Atenagórica* e *Respuesta a Soror Filotea de la Cruz*) e da chuva de críticas. O fato é que ela renunciou à escrita, à música e aos livros nos anos seguintes. Juana morreu muito jovem, depois de cuidar de várias irmãs doentes em uma praga que assolou seu convento, em 17 de abril de 1695, provavelmente aos 43 anos.

\*\*\*\*\*

O presente trabalho procurou mais do que pensar as análises dos autores sobre a obra da poeta, analisar os discursos que se produziram acerca de seus poemas e a preponderância que o tema da sexualidade ganhou com o tempo e com os intérpretes, assim como uma possível herança desses discursos na imagem da freira na atualidade.

O trabalho teve como objetivo principal analisar como os subtemas da homossexualidade, da masculinidade e da supressão da sexualidade na obra de Sórora Juana foram tratados por estudiosos e biógrafos da poeta, buscando mapear a ascensão dessa questão e como ela se tornou uma das principais memórias sobre a autora. Procuramos analisar de maneira mais específica: 1) como a questão da masculinidade se constitui em Ludwig Pfandl e La Canal como uma tópica da psicanálise e como ela implica diretamente na percepção do afeto homossexual; 2) investigar como Octavio Paz, Antonio de Alatorre e José Carlos Boixo buscaram rebater a hipótese da homossexualidade e da masculinidade; 3) entender como Paz

trabalhou a tópica da supressão da sexualidade e do que chamou de sexualidade situacional; 4) circunstanciar como essas leituras podem ter se tornado uma memória de senso comum sobre Sórora Juana.

Partindo dessas observações, a metodologia que julgamos mais adequada foi a análise dos discursos, uma vez que nos oferece subsídios metodológicos e teóricos para analisar as práticas sociais em campos muito diversificados. Poderemos usá-la tanto para entendermos a “sexualidade doentia” e “homossexualidade situacional” apontadas pelos autores, assim como para traçarmos o discurso médico da mulher histórica. Dessa maneira, será possível entender como em muitos dos autores se manifestam certas restrições sobre “a verdade” da natureza sexual via produção do discurso normativo do gênero feminino pela função social da mulher.

Para tanto, utilizamos os principais autores envolvidos no debate e nas disputas acerca da memória da freira nos séculos que vão do XVII ao XX. A estrutura dos capítulos segue, portanto, uma lógica cronológica, sendo o primeiro composto pelos séculos XVII e XVIII, a começar pela primeira biografia produzida acerca de sua vida da freira, por Diego de Calleja, na qual buscamos abordar a construção, no manuscrito de Calleja, de uma imagem sacralizada de Sorora Juana. Ainda nesse primeiro capítulo, buscamos analisar a escassa produção do XVIII. Com o trabalho do polígrafo mexicano Ignacio Carrillo y Pérez quem, ao final do século, se interessou pela obra de Sorora Juana, escrevendo algumas páginas sobre ela. Houve, ainda, o frei português João de São Pedro, que, com o pseudônimo "Damião de Froes Perym", publicou um dicionário enciclopédico de “mulheres ilustres em todos os tempos e lugares”. Nele, havia uma notícia detalhada sobre a Freira do México, feita inteiramente baseada em Calleja.

O capítulo II buscou se debruçar sobre as primeiras rachaduras da máscara sacrossanta criada por Calleja. Buscamos demonstrar como até o século XVIII os escritos sobre Sórora Juana a retrataram como virtuosa e vocacional, e quase a esqueceram. Foi então que se deu a publicação do texto de Adolfo de Castro para sua edição dos *Poetas líricos de los siglos XVI y XVIII*. Nesse curioso texto, nasce a questão do amor nos textos não mais dentro da ideia de filia, mas com tom erótico. Por último, procuramos analisar como o padre Alfonso Méndez Plancarte se dedicou à difícil, porém notável tarefa de edição das Obras Completas de Juana Inês. Nas notas deixadas por Méndez Plancarte, o autor parece transparecer um embaraço diante dos poemas “românticos” do primeiro volume, tendendo a colocá-los no que chama de “fantasia poética” ou “devaneio filosófico”. Ele comenta as partes em que Sorora Juana trata de amor, paixão ou ciúmes, temas recorrentes, como exemplos de “platonismo”, uma mera manifestação de um estilo de escrita.

No terceiro e último capítulo, buscamos analisar os cinco autores mais importantes do século XX no que diz respeito à produção de uma memória sobre a vida da freira. Começamos em 1963, com o hispanista alemão Ludwig Pfandl, escritor que inaugurou um novo campo para as análises das obras de Juana Inés: as leituras francamente psicanalíticas de seu texto. Adentramos ainda na obra de seu leitor crítico, em 1972, o poeta e psicanalista Fredo Arias de La Canal, que propõe uma análise literária e psicanalítica de Sórora Juana, baseada nos estudos de um dos discípulos de Freud: Edmund Bergler.

Passamos ainda, nesse capítulo, pela tentativa de rebater as hipóteses de Pfandl com um terceiro autor que discutiu o tema, o escritor e tradutor mexicano Antonio Alatorre, que buscou rebater a hipótese da masculinidade em 1986. Passamos por Octavio Paz, talvez o trabalho mais importante já produzido acerca da vida de Soror Juana, por definição uma biografia, mas que, em essência, ultrapassa esse gênero, também oferecendo, em certos aspectos, análises tanto históricas (da Nova Espanha), como literária, psicoanalítica e poética da obra e da autora. Por fim, citamos o trabalho do crítico literário José Carlos Boixo, que nos oferece uma interessante perspectiva a respeito da ampla discussão sobre a “masculinidade” de Sórora Juana.

A partir da análise foi possível perceber a importância da releitura crítica desses autores sob uma lente de interpretação tanto da análise dos discursos como das propostas de análise dos estudos de gênero, uma vez que essas obras influenciaram diretamente na construção da memória de Soror Juana. A pesquisa buscou, portanto, compreender o porquê da centralidade do tema da sexualidade em detrimento da produção de outros estudos no que tange a obra do poeta, e como essa mesma centralidade pode ter ajudado a fundamentar uma imagem da freira também centrada em sua sexualidade.

## 1. UMA PREDESTINAÇÃO SACROSSANTA

*Am I perchance a heretic? And even if I were, could sheer force make me a saint?*

— Soror Juana, Carta ao seu Confessor Núñez Miranda

Para estudarmos a vida de Soror Juana Inês de la Cruz dispomos essencialmente de dois textos básicos de caráter biográfico: a carta escrita por Soror Juana a Manuel Fernández de Santa Cruz, bispo de Puebla – uma espécie de autobiografia – e a biografia do padre jesuíta Diego de Calleja. Este segundo é talvez o texto mais importante para os estudos sorjuanistas, uma vez que influenciou a maioria dos escritores católicos posteriores que, de alguma forma, repetiram as tópicas por ele constituídas. Seus textos sobre ela, escritos entre 1689 e 1714, eram muito elogiosos e diziam que, como uma pérola depositada na vieira no fundo do mar, Sórora Juana era rara, difícil de encontrar e escassa.

Por muito tempo seus poemas foram públicos. Aqueles que foram dedicados à vice-rainha foram compilados em 1689, por intermédio da própria Maria Luisa, sob o título de *Inundación Castálida*. As escolhas de expressão, os temas e o conteúdo desses poemas foram amplamente estudados nos séculos seguintes, especialmente no século XX. O mais importante é frisar que, em sua época (e nas décadas seguintes), as polêmicas em torno dos textos de Sórora Juana se deram em função da publicação da Carta Atenagórica, uma crítica ao Sermão do Mandato do jesuíta português Antônio Vieira, e seus constantes embates com a hierarquia eclesiástica principalmente pelo tom crítico de seus poemas sobre posição da mulher na sociedade da Nova Espanha.

Em sua primeira edição, *Inundación Castálida*, traz uma “Advertência”, que permaneceu nas outras nove reedições que a obra conheceu entre 1690 e 1725. A Advertência era breve, porém em tom de justificativa, e procurava antecipar ao leitor que o tom de amor desses poemas tinha um “ardor puro e casto”. Talvez não intencionalmente, esse pequeno trecho acabou inaugurando uma longa discussão sobre o tom desses escritos e a natureza da relação entre Sórora Juana e Maria Luisa Manrique.

Mas isso ainda tomaria tempo para ocorrer. O autor da primeira biografia sobre a vida da freira, o poeta inaciano Diego de Calleja<sup>5</sup>, talvez de forma inadvertida, iniciou aquela que, na realidade, foi a primeira longa tradição interpretativa sobre ela. O jesuíta nos descreveu uma

---

<sup>5</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España

vida exemplar e vocacional, que se afastou de tudo que pudesse obscurecer moralmente a religiosa. Essa descrição influenciará a maioria dos escritores católicos posteriores, que, de alguma forma, repetirão essas tópicas.

Poucos dos detalhes biográficos sobre a vida de Calleja sobreviveram até o presente. Podemos encontrar seus livros devotos, algumas peças escritas em sua juventude e outros escritos menores que reunidos nos possibilitam vislumbrar um religioso que serviu à corte e aos colégios imperiais. No que concerne a sua vida, podemos afirmar que Calleja ingressou na Companhia de Jesus aos vinte e cinco anos, e que escreveu a biografia de Soror Juana aos 62 anos. Pregou por algum tempo na província de Toledo e dirigiu a Congregação da Imaculada Conceição em Madrid<sup>6</sup>.

O jesuíta não chegou a conhecer pessoalmente Soror Juana. Pelo que sabemos, sua relação parece ter sido essencialmente epistolar, mas sua admiração ficou evidente nos textos dedicados a ela, tanto a primeira biografia de 1695, como nas duas Aprovações que escreveu: a primeira para publicação de *Inundación Castálida* de 12 de setembro de 1689, no Colégio Imperial de Madrid, e a segunda para *Fama e obras póstumas* em 1700. Este modelo de escrita biográfica sobre a vida de uma monja, é fruto de um estilo de época, era comum — com algumas poucas exceções — que as freiras consideradas excepcionais, tivessem suas vidas biografadas por clérigos ou religiosos, como parte das crônicas de sua ordem, ou como obras separadas dedicadas a leitura exemplar; essas escritas operam como uma espécie de filtro masculino sobre a vida feminina, segundo Asunción Lavrin<sup>7</sup>.

Dos inúmeros materiais que integram *Fama e Obras Póstumas*, o manuscrito intitulado *Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México*, é o único preservado em sua totalidade, como parte do acervo da Biblioteca Nacional da Espanha, mas sua versão final foi publicada no terceiro tomo do texto *Fama e Obras Póstumas*, editado pelo mexicano Juan Ignacio de Castorena y Ursúa, sob o título de *Probación del Reverendísimo Padre Diego Calleja, de la Compañía de Jesús*. Os dois textos são essencialmente iguais no que diz respeito ao conteúdo, mas a diferença nos títulos já revela a natureza dissonante entre as duas publicações, o que para alguns autores revela certas disputas narrativas em torno da imagem da freira Jerônima.

---

<sup>6</sup> C. SOMMOERVOGEL, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, Brussels and Paris, 1891, p. 559 - 561

<sup>7</sup> LAVRIN, Asunción. La vida femenina como experiencia religiosa: biografía y hagiografía en Hispanoamérica colonial. *Colonial Latin American Review*, v. 2, n. 1-2, p. 27-51, 1993.

A biografia escrita por Calleja<sup>8</sup> é considerada majoritariamente como um relato hagiográfico, uma vez que busca descrever uma vida predestinada a santidade a começar pelo seu nascimento, não como uma operação arquitetada para ocultar eventos de sua vida, mas tendo como finalidade a expressão comum de um estilo de escrita, o que de fato não exclui as reverberações desse discurso na memória acerca da freira. Entender a natureza do documento hagiográfico, é essencial para esta análise, uma vez que não podemos esperar dele mais do que o próprio gênero em suas características particulares pode oferecer. É imprescindível que se leve em conta os limites dessa fonte, perceber que ela não pode ser excluída nem avaliada dentro dos parâmetros comuns do discurso histórico, a finalidade e o público deste documento são outros que a do discurso da história, segundo Certeau:

[...] a combinação de atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que se refere não essencialmente “àquilo que se passou”, como faz a história, mas “àquilo que é exemplar”. As *res gestae* não constituem senão um léxico. Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças a combinação topológica de ‘virtudes’ e ‘milagres’. (CERTEAU, 2007, p.267).

A vida de Soror Juana, segundo Calleja, começa em um quarto chamado Cela, uma preordenação que fundamentou sua paixão pela vida monástica. No manuscrito lemos: “Nació en un aposento, que dentro de la misma alquería llamaban la Celda; casualidad que con el primer aliento la enamoró de la Vida Monástica: y le enseñó, a que eso era vivir, respirar aires de clausura”<sup>9</sup>. Essa predestinação sacrossanta é um tema comum ao estilo hagiográfico ou das biografias edificantes, um esquema narrativo para descrição da vida das monjas conhecido como *Imitatio Christi*, que herdamos do monge holandês Thomas Kempis (1379-1471). A *imitatio*, procura encontrar na narração da vida de religiosos exemplares os caminhos pelos quais é possível se representar uma vida santa tendo Cristo como modelo, uma construção segundo Colombi<sup>10</sup>, que perpassa uma manifestação precoce para a vocação - no caso de Soror Juana, o nome do quarto de seu nascimento, que prefigurava a cela de seu claustro - a superação das tentações, castigos ou mortificações corporais para que enfim atingisse um êxtase místico.

Outro aspecto fundamental deste estilo de biografias hagiográficas é o caráter de reescrita dessas obras. Como já citado, dispomos de outro texto, de caráter autobiográfico para

---

<sup>8</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España.

<sup>9</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España.

<sup>10</sup> COLOMBI, Beatriz. Diego Calleja y la Vida de Soror Juana Inés de la Cruz. Vestigios y silencios en el archivo sorjuanino. *Exlibris*, n. 7, p. 24-44, 2018. pag 28.



o estudo da vida de Soror Juana, a carta escrita por ela e endereçada a Manuel Fernández de Santa Cruz, bispo de Puebla. O texto intitulado “*Respuesta a Soror Filotea de la Cruz*” é um dos mais polêmicos já escritos pela freira e consiste numa resposta às críticas recebidas após a publicação de sua “Carta Atenagórica” onde a jerônima respondia as afirmações do padre Antônio Vieira acerca do debate teológico sobre as finezas de Cristo. Na “*Respuesta*”, Soror Juana escreve uma ampla defesa de si mesma, descreve sua vida, sua paixão pelas letras, as razões que a levaram a professar e por fim uma defesa maior sobre o direito das mulheres de professarem e ensinarem as Sagradas Escrituras, assim como seu direito de saberem também as ciências e letras profanas.

Na hagiografia escrita por Calleja encontramos passagens inteiras que são reescritas dos relatos dados pela freira na “*Respuesta*”, esse modelo de reescrita procura recriar a personalidade feminina, geralmente por meio de um confessor ou religioso, como uma espécie de lente superior, espiritual e forjadora de uma imagem histórica que fosse mais adequada a divulgação, segundo Asunción Lavrin<sup>11</sup>:

La justificación de esa obra de ‘re-escritura’ y reinterpretación de un texto original estuvo en la aceptación de la noción de la superioridad intelectual del hombre frente al producto falto de “erudición” y pulimiento de las mujeres, quienes, en su mayoría, carecían de educación formal y sufrían el correspondiente diminutio en autoridad. El que las hubiera perfectamente educadas y escritoras de méritos no cambió en nada la situación aplicable a todas. En algunos casos se pondera el valor de su escritura, pero el elogio casi siempre se le adjudica por ser fuente de información verídica y original de la monja, no como exponente de una expresión estética. (LAVRIN, 1995, p.157)

## 1.1 Um dizer rodeado de silêncios

A análise detida do texto revela não só as omissões de Calleja em relação aos eventos que não se encaixavam em sua proposta de uma narrativa edificante e sacrossanta, mas também muitos erros factuais. A maioria deles possivelmente foram gerados pela carência de informações confiáveis, mas que acabaram se convertendo em verdades sobre sua vida, em função da ampla utilização de Calleja pelos escritores posteriores. Sua influência se estende mesmo nas leituras psicanalíticas do século XIX que levaram em consideração algumas afirmações falsas sobre sua infância.

A primeira dessas informações incorretas é referente à própria data de nascimento de Soror Juana. Em 1998, Octavio Paz já apontava a fragilidade da data oferecida por Calleja—

---

<sup>11</sup> LAVRIN, Asunción. Espiritualidad en el claustro novohispano del siglo XVII. Colonial Latin American Review, v. 4, n. 2, p. 155-180, 1995.

12 de novembro de 1651 — tendo em vista um outro documento, uma ata de batismo encontrada por Alberto G. Salceda e Guillermo Ramírez España<sup>12</sup> onde se firma a data de 2 de dezembro de 1648, outros documentos mais recentes ainda confirmam esta segunda data, apresentados em 2016 no importantíssimo *Familias paterna y materna de Soror Juana Inés de la Cruz*<sup>13</sup>, que ainda nos lançaram luz sob outros pontos antes “obscuros” de sua vida, para usar um termo da pesquisadora Dorothy Schons<sup>14</sup>. Essa informação gera alguns problemas nas leituras posteriores, porque com a data oferecida por Calleja, Soror Juana é pelo menos três anos mais velha em todas as narrações dos eventos de sua vida, o que impacta na percepção das leituras psicanalíticas, não porque os feitos narrados fossem menos notáveis pela adição de alguns anos, mas para modelos de análise mental, a idade revela fases específicas do desenvolvimento infantil, como veremos mais adiante.

Ademais a bastardia da freira é um aspecto fundamental da interpretação de sua vida, ponto que Calleja também trata de omitir : uma linhagem familiar que fosse “legítima” era um dos requisitos para que ela se tornasse freira, obrigatoriedade que leva Juana Inês a se declarar filha legítima de Asuaje, enquanto suas duas meias-irmãs professaram os votos como suas primas<sup>15</sup>. Octavio Paz afirma que essa configuração era típica entre os *Criollos*, a sociedade novo-hispana parece pouco permissiva com os modelos familiares que fugissem aos padrões matrimoniais mais restritos. Provavelmente foi isso que levou Soror Juana a mentir sua verdadeira situação, embora essa configuração no entanto não fosse rara. Asunción Lavrin<sup>16</sup> analisa como a região em que Juana cresceu era marcada pela oportunidade de enriquecimento e não de moradia permanente o que dificultava uma rigidez no controle dessas relações. Do mesmo modo podemos ainda levar em consideração o fato de que o pai de Juana Inês, Pedro Asuaje, é declarado como morto em meados de 1650, o que colocava Isabel Ramírez na posição de viúva, a liberando para um segundo casamento ou união estável, como de fato se confirmou<sup>17</sup>.

---

<sup>12</sup> Ramírez España, Guillermo y Alfredo G. Salceda, «El acta de bautismo de Soror Juana Inés de la Cruz. Ábside xvi, 1952.

<sup>13</sup> G. SCHMIDHUBER y O. M. PEÑA DORIA, *Familias paterna y materna de Soror Juana Inés de la Cruz*, Hallazgo documental, México: Centro de Estudios de História de México CARSO Carlos Slim, 2016.

<sup>14</sup> SCHONS, «Some obscure points in the life of Soror Juana Inés de la Cruz», *Modern Philology* 24 (1926-27): 149-51.

<sup>15</sup> PAZ, Octavio. *Op. cit.*, p. 146; DE LA MORA, Guillermo, DORIA, Olga Martha Peña. *Familias paternas y maternas de Soror Juana Inés de la Cruz: hallazgo documental. Op. cit.*, p. 49.

<sup>16</sup> LAVRIN, Asunción. Capítulo IV: La mujer en la sociedad colonial americana. In: BETHELL, Leslie. *Op. cit.*, p. 110.

<sup>17</sup> ROBINSON, Beatriz Miriam. *Sor Juana y la ensalada villanciquera: cultura, etnicidade, multilinguismo y artes performativas en la Nueva España*. University of Nevada, 2009. p. 138-140

Outro erro já apontado nas análises acerca da vida de Soror Juana diz respeito a sua família, e aqui é importante que nos detenhamos, uma vez que certas acepções falsas ou no mínimo incoerentes sobre sua infância, fundamentam a argumentação de muitos dos autores subsequentes. A primeira é a grafia do sobrenome de Juana Inês. Calleja a apresenta como “Asbaje” quando todos os documentos antigos inclusive aqueles que ela assinou de próprio punho indicavam a grafia “Asuaje”<sup>18</sup>. Este dado parece menor, mas é fundamental porque dificulta o mapeamento inicial de sua família paterna, e leva autores como o alemão Ludwig Pfandl a certas acepções erradas, como veremos mais adiante em sua hipótese da “fixação da imagem paterna”: uma vez que não era dado a ele conhecer os escritos de Ramírez Espanha, ele não soube que Juana Inês era filha natural, e que provavelmente nem chegou a conhecer o pai.

A verdadeira questão com os erros presentes nos documentos, é não somente as informações falsas que passam a integrar a biografia de Soror Juana por quase quatro séculos, mas também os efeitos desses discursos nas leituras dos escritores posteriores. Essa questão norteará outros capítulos deste trabalho, mas trago aqui um exemplo dado pelo próprio Schmidhuber para ilustrar os problemas do discurso de Calleja nas leituras posteriores:

La lectura incauta de la protobiografía há contribuido por siglos a la imaginación de algunos críticos, como por ejemplo Fernando Benítez, en su libro *Los demonios en el convento, sexo y religión en la Nueva España*, cita información equívoca de Calleja: “Su madre era la amante del capitán vizcaíno Pedro Manuel de Asbaje”. Tres afirmaciones falsas en una línea: no era capitán, no era vizcaíno y no se llamaba Manuel. (SCHUDHUBER, 2016, p. 198).

Evidentemente não era dado a Calleja o conhecimento de alguns destes documentos como a ata de batismo, por exemplo. Existem, no entanto, omissões intencionais, como no caso de seu ingresso no convento de Santa Teresa La Antigua, da ordem das Carmelitas Descalzas, aos 18 anos de idade, como atesta o documento da ordem intitulado *Libro de las profesiones de religiosas del monasterio de San José de Carmelitas Descalzas de la ciudad de México que se fundó en ella el año de 1616*, que conserva o registro tanto de sua entrada em agosto de 1667, como de sua saída três meses e quatro dias depois<sup>19</sup>. Existem outras justificativas para o evento: o biógrafo de António Núñez de Miranda, seu confessor, escreveu que Juana esteve

---

<sup>18</sup> G. SCHMIDHUBER y O. M. PEÑA DORIA, *Familias paterna y materna de Soror Juana Inés de la Cruz*, Hallazgo documental, México: Centro de Estudios de Historia de México CARSO Carlos Slim, 2016, p. 198.

<sup>19</sup> SCHMIDHUBER DE LA MORA, Guillermo. Pertinencia actual de la primera biografía de Soror Juana Inés de la Cruz. *Estudios de historia de España*, v. 19, n. 2, p. 168-192, 2017.

gravemente doente de tifo, entre 1671 e 1672<sup>20</sup>, evento que ela chega a citar no primeiro tomo publicado de suas obras, assim como seu pedido ao Frey Payo de Rivera, então arcebispo da Cidade do México, em que pedia pelo sacramento da confirmação, uma vez que estava muito debilitada<sup>21</sup>. No “Romance 186”, ela ainda diz que estava sendo perseguida pelas parcas, mas teria sido salva pela vice-rainha Leonor Carreto<sup>22</sup>. A omissão desse evento, não é aleatória, de fato uma vida exemplar e vocacional não poderia passar por uma desistência prematura do convento.

O autor da primeira biografia da vida da freira, cita amplamente o vice-rei Marquês de La Mancera, assim como sua esposa, Leonor Carreto, que receberam Soror Juana na corte vice-reinal por anos antes de seu ingresso no convento. Segundo Calleja, Leonor “no parece que podía vivir un instante sin su Juana Ines”, mas não chega a mencionar a Marquesa e também vice-rainha María Luisa Manrique de Lara y Gonzaga, quem sabemos ser tão largamente citada nos poemas de Soror Juana. A Marquesa teve participação decisiva na publicação do volume das obras completas da freira, como detentora por envio da própria Soror Juana dos manuscritos originais. Como Colombi evidencia, a Marquesa “se constituyó (simbólica y realmente) en la originaria albacea de su archivo”<sup>23</sup>.

O jesuíta se ocupa, ainda ao longo do texto, de preencher os outros requisitos de uma vida santa, através de descrições poéticas. Calleja converte eventos da vida de Soror Juana em anedotas extraordinárias, em que os menores eventos de sua vida são sublimados em sinais divinos de sua ascensão rumo à santidade. Como argumenta Margo Glantz<sup>24</sup>:

La tendencia a legendarizar propia de una época imbuida de religiosidad transforma esas cualidades en algo milagroso, “infuso”, y por ello mismo, se convierten en signos hagiográficos: el episodio del sistemático y voluntario corte de pelo a que ella se somete durante la adolescencia, se transforma en un antecedente de ese episodio ritual, previo a la profesión, y se mira como un signo profético del estado de monja, al cual está destinada por mandato divino; ella lo concibe como una ayuda-memoria, un refuerzo de la voluntad, o, a lo sumo, como un flagelo contra un pecado secular. (GLANTZ, 2014, p. 247).

---

<sup>20</sup> PAZ, Otávio. *Sóror Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé*. São Paulo: Mandarim, 1998; p.162.

<sup>21</sup> DE LA CRUZ, Soror Juana Inés de la. . *Obras Completas*. Vol. I: *Lírica Personal*. Romance 11: *Pide, com discreta piedad, al señor arzobispo de México el sacramento de la confirmación*. In: *Idem. Obras Completas*. Vol. I: *Lírica Personal*. Op. cit

<sup>22</sup> DE LA CRUZ, Soror Juana Inés de la. *Romance 186: Convaleciente de una enfermedad grave, discretea con la señora virreina, marquesa de Mancera, atribuyendo a su mucho amor aun su mejoría en morir*. In: *Idem. Obras Completas*. Vol. I: *Lírica Personal*.

<sup>23</sup> COLOMBI, Beatriz. *Diego Calleja y la Vida de Soror Juana Inés de la Cruz. Vestigios y silencios en el archivo sorjuanino*. *Exlibris*, n. 7, p. 24-44, 2018. pag 33.

<sup>24</sup> GLANTZ, Margo. *Obras reunidas I. Ensayos sobre literatura colonial*. Fondo de cultura económica, 2014.

A narração que expõe de maneira mais fundamental o paralelo entre a monja e Cristo, pretendido por Calleja, é um episódio no qual o Marquês de Mancera, chamou quarenta doutos, entre poetas, historiadores, matemáticos e filósofos para que atestassem se a intelectualidade de Soror Juana era, nas palavras de Calleja, “sabiduría tan admirable, a insulsa, o adquirida, o artifício, o no natural”<sup>25</sup>. Soror Juana não tinha segundo Calleja nem dezessete anos a época (dezenove se contarmos a data correta), mas respondeu a todas as perguntas e impressionou cada um dos “tertúlios”. O episódio lembra muito a narração contida no Novo Testamento da Bíblia sobre o encontro do menino Jesus com os doutores do templo.

A biografia de Soror Juana, segue a fórmula aplicada para todas as vidas de monjas. Portanto, após descrever sua infância, e incluir os percalços e mortificações que a encaminharam até o convento, temos o corpo mais importante do texto que inclui sua vida professa, ou seja, do momento que ela toma os votos até sua morte. Muito mais do que a monja e sua biografia, seu caminho em direção a ascensão mística passa essencialmente pela instituição, uma vez que como afirma Lavrín “dentro de los Límites conventuales y la observancia de la regia religiosa se encuentra la singularidad y el significado de esa vida.”<sup>26</sup>.

Para Calleja, o Convento das Jerônimas na cidade imperial do México é um mar pacífico, onde Soror Juana, como uma pérola, foi enclausurada na ostra para crescer. O hagiógrafo entende os limites e as polêmicas nas quais Soror Juana estava envolta, e inicia esta parte do texto quase que com um subterfúgio: “Veinte y siete años vivió con la religión, sin los retiros, a que empeña el estruendoso, y buen nombre de extática; mácomon el cumplimiento substancial a que obliga el estado de Religiosa”<sup>27</sup>. Essa primeira afirmação leva em conta provavelmente não somente as polêmicas entorno da publicação, nesse período ainda recente, da *Carta Atenagórica*, em que criticava o Sermão do Mandato do Padre Antônio Vieira, mas também de sua defesa a *Respuesta a Soror Filotea de La Cruz*, em que ela própria escreve que sua escolha pelo convento foi uma atitude norteadada pela sua paixão pelos estudos e sua recusa ao casamento.

No decorrer do texto, no entanto, ele se ocupa de exaltar suas virtudes, principalmente aquelas mais caras a santificação: solidariedade, generosidade, piedade, humildade e caridade, esta última, segundo Calleja, “su Virtud Reina”. O que nos leva ao último ponto fundamental

---

<sup>25</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España.

<sup>26</sup> LAVRIN, Asunción. La vida femenina como experiencia religiosa: biografía y hagiografía en Hispanoamérica colonial. *Colonial Latin American Review*, v. 2, n. 1-2, 1993. p 28.

<sup>27</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España. p. 7.

na construção discursiva da primeira biografia da vida da freira, o tema de sua conversão final. O tema é amplo, complexo e profundo, foi discutido por inúmeros estudiosos sorjuanistas, mas aqui daremos apenas um breve panorama da disputa uma vez que também constitui um discurso potente na construção da imagem da Soror Juana nos séculos seguintes.

Sabemos que, nos últimos dias de novembro de 1690, circulou pela cidade de Puebla um polêmico texto que ficou conhecido como “*Carta Atenagórica*”. O título faz referência, em primeiro lugar, ao formato do texto e seu gênero epistolar e, em segundo, ao seu caráter digno da sabedoria de ateneia, oriunda do Ateneu. O texto, como já dissemos, é uma crítica ao Sermão do Mandato de Vieira. Na carta, que já foi avaliada por inúmeros estudiosos ao longo dos anos, Soror Juana busca rebater a hipótese de Vieira de que, na ausência de Cristo, mora sua *fineza* maior. Uma parcela significativa dos especialistas está de acordo no entendimento de que as críticas de Soror Juana ao sermão de Vieira são dirigidas unicamente à dialética: aquilo que se discute e combate é a argumentação de Vieira, a qual Soror Juana chega a chamar de argumento sofisticado. O fato é que a polêmica é gigantesca em torno desse texto. À época, a situação de Soror Juana com os prelados já não era nada simples, resultado de suas obras profanas, mas foi justamente sua única carta teológica que provocou mais escândalo. Sua publicação foi considerada uma afronta aos cânones religiosos pela sua condição de mulher, escritora e freira diante da hierarquia eclesiástica, a quem estava reservada a máxima ocupação religiosa: a teologia.

Pouco chegou a nós sobre a verdadeira magnitude da polêmica, mas sabemos pela *Respuesta a Soror Filotea de La Cruz*, texto que Soror Juana publicou como tentativa de se defender da “tempestade de críticas”, citada por Dorothy Schons, que chegavam a Puebla após a publicação da Carta Atenagórica, que entrevistaram inúmeros clérigos, entre defensores e opositores. Isso não seria, no entanto, novidade, visto que Soror Juana sempre falou de seus críticos mais ferrenhos no plural como “impugnadores” ou mesmo “perseguidores”. Ainda assim, ela reitera na *Respuesta* uma clara preocupação em relação às reverberações: “Não quero problemas com o Santo Ofício”<sup>28</sup>. As tentativas do clero de não dar publicidade ao incidente não apaziguaram as críticas. A posição de Nuñez Miranda, seu confessor, não foi menos dura, ele retirou sua ajuda à freira e se negou a vê-la.

Não sabemos ao certo o que a levou a deixar as letras. Apenas temos ciência de que, pelos textos escritos pela freira, nos anos seguintes, sua situação não foi nada fácil depois dos

---

<sup>28</sup> DE LA CRUZ, Juana Inés de la Cruz,; Sister Juana Inés. Carta a Soror Filotea de la Cruz. UNAM, 2004.

dois polémicos escritos (*Carta Atenagórica* e *Respuesta a Soror Filotea de la Cruz*) e da chuva de críticas. O fato é que ela renunciou à escrita, à música e aos livros nos anos seguintes.

Calleja buscou transformar esse evento em sua conversão final. Ele desenha um quadro no qual busca demonstrar como Soror Juana se sentia em dívida com os dons divinos que possuía em relação à escrita, e já havia alertado anteriormente sobre o “cumprimento substancial” de seus deveres religiosos, um percurso narrativo que passará da abnegação na renúncia a escrita, na venda de sua biblioteca e instrumentos musicais e terminará em seu sacrifício final, após assistir a várias irmãs doentes no convento, evento que levará a sua morte, em 1695. A descrição final de Calleja é uma tentativa de santificação, não nos esqueçamos, e concordamos com a leitura de Beatriz Colombi nesse sentido, em que o passo final no discurso de Calleja é a da *Supererogación*<sup>29</sup>. Nas palavras do padre jesuíta:

Entró ella en cuentas consigo y halló que la paga sólo puntual en la observancia de la ley, que había buenamente procurado hasta entonces, hacerle a Dios, no era generosa satisfacción a tantas mercedes divinas, de que se reconocía adeudada: con que trató de no errar para en adelante los motivos de buena, de excusar lo lícito y empezar las obras de supererogación, con tal cuidado como si fueran de precepto (MS folio 7r).

O termo *Supererogación*, é etimologicamente “o termo latino *supererogationis* significa pagar mais do que se deve (*supererogare*)”<sup>30</sup> para a superação e salvação. O léxico se refere a um tema eclesiástico fundamental, um sacrifício voluntário para o crescimento espiritual, e é muito comum nas vidas exemplares. É uma das tópicas da história secular desde as primeiras manifestações na Antiguidade, que procurou criar modelos dignos de serem imitados, assim como cabia à história ser *magistra vitae*. O fim da vida de Soror Juana termina para Calleja portanto, num estrondoso silêncio. O texto do jesuíta, no entanto nos convida a ir além de sua mera leitura Hagiográfica mais convencional, assim como é possível lê-lo muito para além de seus erros factuais: é um texto denso e profundo, revela as complexidades envolvidas em seus silêncios e as ambiguidades que são quase como negociações diante das disputas na criação de uma imagem para Soror Juana.

## 1.2 Entre o manuscrito e o Fama: vestígios e aproximações

---

<sup>29</sup> COLOMBI, Beatriz. Diego Calleja y la Vida de Soror Juana Inés de la Cruz. Vestigios y silencios en el archivo sorjuanino. *Exlibris*, n. 7, p. 24-44, 2018.

<sup>30</sup> CALVO ÁLVAREZ, Felipe. 2007. “La naturaleza práctica de los actos supererogatorios”. *Civilizar. Ciencias Sociales y Humanas*. Vol. 7, N° 13, 225-37. p. 226.

A primeira parte da obra de Calleja publicado no tomo do *Fama e Obras Póstumas* não está presente no manuscrito de 1695. As vinte e quatro primeiras linhas desta versão repetem um modelo do gênero comum para essas apresentações preliminares muito presente em edições do século XVII, que Aureliano Tapia Méndez chama de “aprobación eclesiástica”<sup>31</sup>. Essa aprovação consistia essencialmente em uma primeira parte que garante a adequação da obra aos bons costumes, a ortodoxia e aos mandatos da Santa fé, e caminha para um resumo geral de que nesta obra serão apresentados os eventos da vida de Soror Juana:

Usando, pues, desta confianza, refiero su Vida con lisa sencillez, lejos de que el gasto de las palabras me suponga desconfiado en la inteligencia del Lector; y más, de que las ponderaciones usurpen su derecho a Poetas, y Panegiristas (Fama, s/p).<sup>32</sup>

Só então os dois escritos - o manuscrito e a versão publicada em *Fama e Obras Póstumas* - se encontram, com o início escrito por Calleja: “Cuarenta y cuatro años, cinco meses, cinco días y cinco horas, ilustró su duración al tiempo la vida de esta rara Mujer...”<sup>33</sup>. As diferenças contidas em ambos os textos, constituem para o historiador Elías Trabulse o “mito hagiográfico” criado por Calleja, como uma idealização do bispo Francisco Aguiar y Seijas. Para ele, a santificação da freira através da Fama é uma forma de pôr fim às disputas pela imagem de Soror Juana, que haviam se iniciado com a Condessa de Paredes, através da publicação de “Inundación Castálida”, uma coletânea das obras de Soror Juana que incluía, entre outras coisas, os poemas dedicados a vice-rainha assim como outros dados sobre sua vida que relativizam essa máscara de santidade. Para Trabulse:

La Fama fue un triunfo político de Aguiar y Seijas sobre la condesa amiga de Soror Juana que sabía lo que realmente había acontecido y que prefirió callar ante la embestida hagiográfica del arzobispo (TRABULSE, 1997 p. 18)<sup>34</sup>.

De fato, as pequenas diferenças que separam o manuscrito e o fama nos parecem inicialmente mudanças ortográficas, correções e frases apagadas, que poderiam representar apenas as escolhas do editor, Castoreña y Ursúa. As fissuras que se abrem nessas modificações, no entanto, podem revelar os vestígios de uma disputa: não somente esta citada por Trabulse, mas também a referente à publicação da Carta Atenagórica. No manuscrito temos uma menção

---

<sup>31</sup> NERVO, Amado. 1995 [1910]. Juana de Asbaje. Prólogo y notas de Aureliano Tapia Méndez. Toluca: Instituto Mexiquense de Cultura. p 233

<sup>32</sup> SJIC, Fama y obras póstumas, Madrid, 1700, s/p.

<sup>33</sup> CALLEJA, Diego. s.f. Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México, MS 18734, Biblioteca Nacional de España.

<sup>34</sup> TRABULSE, Elías. 1997. “El silencio final de Soror Juana”. Revista de la Universidad de México. Nº 559, 11-8.



a Erostrato, um soldado anônimo, uma investida de um desafiante anônimo que descreveu a crise na qual Soror Juana estava envolvida como “bárbara” e “herética”<sup>35</sup>. A omissão deste conteúdo na versão publicada no Fama pode ser lida como uma tentativa de amenizar a crise e apresentar ao leitor posterior uma versão mais pacificada do evento.

De fato, Calleja não esconde a existência de conflitos e disputas. No entanto, ele negocia com a possibilidade de se mover entre estas ambiguidades. É difícil dizer as verdadeiras motivações das escolhas e omissões de Calleja. Podemos, sim, compreendê-lo, como Trabulse o leu, como um colaborador de Aguiar y Seijas, moldando a imagem da freira sob uma máscara de Santidade. De maneira análoga, poderíamos ainda compreendê-lo como um negociador, em busca de prestar uma homenagem final em um espaço desigual e conflituoso. Ou ainda, e de maneira não excludente, como realizador de um gesto de santificação acompanhado pela validação e reconhecimento de uma carreira literária notável ainda que consolidada em meio a obstáculos. O contexto aqui é um elemento fundamental, uma vez que, nessa perspectiva, ele pode ser ampliado e a análise do discurso por meio das linguagens da religião nos permite enxergar um “extra” ou ainda, o “histórico” como a teia semiótica de discursos e textos da cultura.

Essa multiplicidade de possibilidades é própria da metodologia de análise aqui utilizada, a análise dos discursos entende a forma e as características dos seus usos, tão múltiplas quanto as atividades humanas. Contudo, não podemos cair na radical aleatoriedade discursiva a ponto de não ser possível traçarmos as formas e suas práticas identificáveis e comuns. É evidente que o discurso de maneira semiótica, realiza ou materializa ideologias, todo discurso representa ou veicula visão de mundo, revela imaginários, ideias e memórias de grupos através dos quais se pensa ou representa a realidade. Os textos aqui analisados, como manifestações do discurso iniciam tradições discursivas acerca da vida de Sór Juana, ao mesmo tempo que estão vinculados a uma complexa teia de relações discursivas religiosas e históricas, o que procuramos demonstrar aqui é a formação de certas tópicos acerca da vida da freira mexicana que serão mobilizadas para a construção de uma imagem de Juana Inés inteiramente diferente da que vemos aqui, mas construída sob esses alicerces.

### **1.3 A consolidação da máscara santa: o século XVIII como ponto de sacralização e as primeiras fissuras.**

---

<sup>35</sup> Sabemos pouco sobre o conteúdo desta publicação, aquilo que conhecemos, nos é apresentado indiretamente através da carta de Serafina de Cristo e do discurso de desculpas (Rodríguez Garrido: 50).

O século XVIII é de longe o mais escasso nas produções acerca da vida de Soror Juana. Vale ressaltar o trabalho do polígrafo mexicano Ignacio Carrillo y Pérez quem, ao final do século, se interessou pela obra de Soror Juana, escrevendo algumas páginas sobre ela. Mas, majoritariamente, ecoou a obra de Calleja. Houve, ainda, o frei português João de São Pedro, que, com o pseudônimo "Damião de Froes Perym", publicou um dicionário enciclopédico de “mulheres ilustres em todos os tempos e lugares”<sup>36</sup>. Nele, havia uma notícia detalhada sobre a Freira do México, feita inteiramente baseada em Calleja.

No caso de Carrillo y Pérez, escritor e historiador mexicano, resguardada a importância do trabalho de resgate que ele faz da imagem da freira no século XVIII, não há grandes contribuições ao debate aqui proposto, exceto talvez ao reafirmar a centralidade da obra de Calleja no eco do espelho sorjuanista. Mas o trabalho do autor em sua enciclopédia é essencialmente cristalizar a máscara sacrossanta, recopiando o trabalho já feito por Calleja. Como transcreveu Antonio Alatorre, ao citar Perez: "pues en mudarle, quitarle o ponerle alguna voz, echaría un borrón en el papel que delineó tan docta pluma, y más quiero padecer la nota de copiante que la de ignorante presumido"<sup>37</sup>.

A segunda obra, no entanto, revela uma natureza mais dissonante das duas primeiras comentadas neste capítulo, os primeiros sinais de rachaduras na máscara de santidade que vimos ser construída até aqui. A obra de Damião de Froes Perym, ou João de São Pedro, é também de caráter enciclopédico, publicado em 1736 e intitulado “*Theatro Heroino, Abecedário histórico e Catálogo das mulheres ilustres em armas, letras, ações heróicas e artes liberaes*”. Escrever sobre a vida de mulheres seculares famosas era sem dúvida uma tarefa arriscada para um monge do século XVIII. Essa pode ser a explicação do porquê Frei João de San Pedro usou o pseudônimo "Damião de Froes Perym" para sua publicação. Perym aborda centenas de casos, com pequenas narrações sobre cada uma dessas mulheres preenchendo dois tomos nos quais procura “um theatro universal das mulheres illustres”<sup>38</sup>.

No primeiro tomo, vemos incluída uma nota um tanto quanto detalhada da freira Jerônima, majoritariamente alicerçada na obra de Calleja, mas é nas notas que mora a importância dessa obra. Ao comentar uma das anedotas de Calleja, sobre como Soror Juana

---

<sup>36</sup> 7 Damião de Froes PERYM, *Theatro heroino, abecedário histórico e catalogo das mulheres illustres em armas, letras, açcoens heróicas e artes liberaes*, Lisboa Occidental, na Officina da Musica de Theotonio Antunes Lima, 1º tomo 1736, (BN- H.G. 11899 V); 2º tomo 1740 (BN- H.G. 11900 V)

<sup>37</sup> ALATORRE, Antonio; TENORIO, Martha Lilia. Una enfermedad contagiosa: los fantaseos sobre Soror Juana. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, v. 46, n. 1, p. 105-121, 1998.

<sup>38</sup> Dedicatória, tomo I.

com menos de oito anos de idade pediu aos pais que a vestissem em trajes masculinos para que ela pudesse ir à Universidade, Perym diz: “voltava as iras contra a natureza que pelo sexo lhe fizera inútil o juízo, pobre o engenho”. Vemos aqui a primeira referência de que Soror Juana teria algum tipo de “ira contra a natureza” feminina, que ele atribui a própria condição de inferioridade intelectual que a fazia “inútil o juízo, pobre o engenho”.

O frei português, nas demais biografias, se ocupa de listar as obras das autoras, mas não no caso de Soror Juana. Ele nem mesmo cita os dois primeiros tomos publicados de suas obras. Além da biografia de Calleja, a única obra da Jerônima que ele se ocupa são aquelas envolvidas na polêmica com o Padre Antônio Vieira, assim como brevemente busca repetir o tema da conversão: “na vida teve estimaçoens de sabia, na morte veneraçoens de Santa”.

O que procuramos demonstrar neste capítulo é a maneira como nos séculos que vão XVII ao XVIII, Soror Juana vai da máscara santa a um quase esquecimento, o mais importante é frisar que, em sua época (e nas décadas seguintes), as polêmicas em torno dos textos de Sórora Juana se deram em função da publicação da Carta Atenagórica, uma crítica ao Sermão do Mandato de Antônio Vieira, e seus constantes embates com a hierarquia eclesiástica principalmente pelo tom crítico de seus poemas sobre posição da mulher na sociedade da Nova Espanha. O que veremos adiante, no entanto, é que as tópicas aqui levantadas, talvez não intencionalmente, acabaram inaugurando uma longa discussão sobre o tom dos escritos da freira, assim como da natureza da relação entre Sórora Juana e Maria Luisa Manrique.

## 2. SI ES QUE SOY MUJER

*Ser mujer, ni estar ausente,  
no es de amarte impedimento;  
pues sabes tú, que las almas  
distancia ignoran y sexo.*

Juana Inés de La Cruz. Romance: “Lo atrevido de un Pincel” (Vv.109-112).

Como vimos, até o século XIX, os escritos sobre Sórora Juana a retrataram como virtuosa e vocacional, e quase a esqueceram. Foi então que se deu a publicação do texto de Adolfo de Castro (ed.), *Poetas líricos de los siglos XVI y XVII*<sup>39</sup>. O segundo tomo da obra do espanhol foi publicado em 1857 e é talvez um dos documentos mais interessantes aqui tratados. O tomo pretende compilar biografias sobre as vidas de poetas, especialmente os espanhóis envolvidos no *Siglo de Oro*, assim como entregar ao leitor um compilado das obras mais importantes desses autores.

Quase ao fim deste tomo encontramos uma nota dedicada à nossa freira. O autor está, de fato, apresentando alguns dos sonetos de Sorora Juana e, nas notas de rodapé, encontramos uma interessante menção. Ao tratar da ida da jerônima, aos 16 anos, para o palácio Vice-Reinal, ele comenta que o pseudônimo “Fábio”, presente em alguns dos poemas sorjuanistas, seriam, na verdade, uma referência ao Marquês de Mancera: “sú tierno amante”. O termo adviria da desilusão amorosa gerada por um afeto que ou não tinha como se consumir ou que, se chegou a se consumir, não tinha futuro. A desilusão a teria levado a vestir o hábito:

El marqués de Mancera la tuvo en su palacio de Méjico , donde ella tuvo ocasion de tratar a muchas personas eruditas . Quizá sea este marqués el Fabio á quien ella dedicó muchas de sus poesias , como á sú tierno amante . Pero algun gran inconveniente ó algun no menos grande desengaño tuvo ella en sus amores , cuando à la edad de diez y siete años dejó el palacio del Marqués y se sepultó en los cláustros del convento de San Jerónimo de Méjico , donde tomó el hábito . Causa grave y muy dolorosa para SOROR JUANA le debió obligar á esta determinación , tan contraria al parecer con la ternura y vehemencia de los sentimientos amorosos que tan bien supo expresar en sus poesías . Muchas de ellas son sentidísimos ayes de un corazon dolorido, que no pueden menos de conmover al que los escucha . (CASTRO, 1857.p 545-46).

Ao longo dos anos, muito se discutiu a verdadeira identidade dos pseudônimos utilizados por Sorora Juana, seja a Lisi nome poético utilizado pela freira em referência a

---

<sup>39</sup> CASTRO, Adolfo de, 1823-1898, ed.: *Poetas líricos de los siglos XVI y XVII*. Madrid, M. Rivadeneyra, 1854-57.v.2

Quevedo, majoritariamente lido como uma alusão a vice-rainha Maria Luísa, ou mesmo como no nome Laura dedicado a vice-rainha Leonor Carreto, uma referência a Petrarca. O pseudônimo Fábio por outro lado não costuma ser interpretado como uma menção a uma pessoa, como argumentou Castro, mas como um pseudo diálogo entre o eu poético e um destinatário que não é necessariamente concreto, e é colocado sob um nome, unicamente para criar o efeito dramático muito próprio do barroco, como bem analisou Pascual Buxó<sup>40</sup>:

La incorporación de un destinatario intradiscursivo es un recurso frecuente en la poesía de meditación filosófica, así por ejemplo, en la canción “A las ruinas de Itálica” de Rodrigo Caro, el locutor invoca a un receptor interno, a quien se alude con un nombre ficticio a fin de acentuar el carácter apelativo y suasorio del discurso: “Estos, Fabio, ay dolor, que ves ahora / campos de soledad, triste collado...64”. (BUXÓ, 2010, p. 47)

Para entender o fosso que separa a sacralização hagiográfica de Diego de Calleja, das afirmações falsas de Adolfo de Castro, assim como para compreender a estrutura que se formasse desses falseamentos é preciso que nos detenhamos em alguns conceitos. Já exploramos aqui as características do documento hagiográficos e de suas particularidades em relação à análise histórica. A partir do XVIII, levamos em consideração não somente as reverberações do discurso religioso hagiográfico na memória sorjuanista, mas ainda o fino véu que norteia questões históricas fundamentais no que diz respeito à fronteira entre a história e a ficção nas obras biográficas.

O gênero biográfico se coloca em um outro regime de historicidade. Se, na hagiografia, busca-se moldar uma vida santa como modelo ao fiel, sua relação com a história é diferente do pacto de verdade que a escrita histórica pressupõe. Como bem apontou François Dosse<sup>41</sup>: “[...] Trata-se menos de conhecer a vida autêntica de um indivíduo do que de edificar o leitor”. A biografia em contrapartida, e aqui me refiro ao momento histórico em que esta “minibiografia” sobre Soror Juana foi escrita, mantinha uma íntima relação com a noção de uma “história mestra da vida” (*historia magistra vitae*), ainda que no século XVIII essa figura heroica estivesse passando por uma crise<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> BUXÓ, J. P. Soror Juana Inés de la Cruz: el sentido y la letra. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliográficas, 2010

<sup>41</sup> DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.p. 137-138

<sup>42</sup> A escrita de Voltaire, a título de exemplo, pensou a substituição do herói pelo grande homem, aquele que servia à pátria e à humanidade de modo incondicional, inclusive com o sacrifício da própria vida. Persistindo, portanto, uma tensão entre a individualidade e a exemplaridade. CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história. Elsevier, 2012.

Para uma análise histórica de biografias, é preciso não perder de vista aquilo que Pierre Bourdieu chamou de “ilusão biográfica”<sup>43</sup>, ou seja, a percepção de que a trajetória de uma vida não é uma ascensão direta em direção a um ponto pré-determinado, que se manifesta de maneira clara desde sua infância. Mas ao contrário, narrar a trajetória de um indivíduo, não podemos enquadrá-lo em esquemas conceituais fixos, e menos ainda esgotá-lo em uma identidade fixa e una. Os caminhos para uma análise histórica e para a escrita biográfica como evidência Albuquerque<sup>44</sup>:

[...] é um sujeito partido segmentado, não é uma unidade, uma totalidade. Assim como a sua vida é errante e aberta, ele, enquanto sujeito, é também um sujeito aberto, atravessado por diferentes fluxos sociais. Ele não consegue totalizar as experiências que passam por ele mesmo, que o atravessam. Ele é um entroncamento em que diferentes estradas, diferentes séries históricas, vêm encontrar-se e, ao mesmo tempo, vêm separar-se. Ele não é só ponto de partida, nem só ponto de chegada, ele é travessia, transversalidade (Albuquerque Júnior, 2007, p. 248).

No caso de Soror Juana vemos operar a tensão do par individualidade/exemplaridade, a partir do momento em que ela deixa a vida exemplar idealizada por Calleja, e passa a apresentar em suas biografias uma individualidade. Passamos das tópicas comuns nas análises sobre Juana que tratavam dos seus poemas numa chave de interpretação da *φιλία* (amizade), para uma paixão frustrada ainda que casta. Essa interpretação acerca do texto sorjuanino é um equívoco que acabou por se consolidar num erro crítico: esses autores procuraram ler com olhos românticos um texto barroco. De fato, a poesia barroca nos apresenta temas de amor e paixão de maneira arquetípica, mas não temos como afirmar a partir das próprias características do movimento, que esses poemas possuam um valor confessional.

## 2.1 A Sublimação no Alto Nume

O século XX é um ponto de virada não somente nos estudos sorjuanistas, mas também naqueles ligados ao gênero e a sexualidade. Segundo Michel Foucault, nos séculos que vão do XVII ao XX, há uma verdadeira explosão discursiva em torno e a propósito do sexo, e o que

---

<sup>43</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

<sup>44</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: \_\_\_\_\_. História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007, p.247-254. AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. Oralidades, n.2, p.45-60, jul/dez 2007.

de fato mais nos interessa: a relação, nas sociedades ocidentais, entre a produção dos discursos sobre normativa e sexualidade.

Nota-se a mudança no tom das análises da *φιλία*, anunciadas no XIX, ganhar corpo e centralidade no XX. Observamos que, em 1946, o hispanista alemão Ludwig Pfandl<sup>45</sup> publica um texto que inaugurou um novo campo para as análises das obras de Juana Inés: as leituras francamente psicanalíticas de seu texto. Quase 17 anos depois, a obra seria traduzida para o espanhol sob o título *Soror Juana Inés de la Cruz, la décima musa de México. Su vida, su poesía, su psique*, uma das mais polêmicas biografias sobre a vida da freira.

Neste texto Pfandl se propõe a um intento de cunho psicanalítico, uma espécie de patografia, ou seja, a partir da obra biográfica de Calleja e dos textos da própria Soror Juana, ele pretendeu oferecer um quadro mental de suas neuroses a fim de preencher os “pontos obscuros”<sup>46</sup> na vida da poeta. Inicialmente é possível perceber um problema já na proposta, excessivamente ambiciosa, para não dizer irreal: a busca pela leitura da psique da freira a partir de fragmentos biográficos, quando não fornecidos por ela mesma vindo de fontes que, como já citamos, tem sua confiabilidade um tanto quanto dúbia. Para além disso, ainda poderíamos pensar no próprio caráter da análise: por mais completa que uma biografia possa ser, ela nunca será suficiente para chegar ao conhecimento psíquico do indivíduo<sup>47</sup>.

Na obra dividida em quatro partes, Pfandl se dedica a responder três grandes questões sobre a vida da jerônima. A primeira diz respeito à origem e à razão do talento de Juana Inês; a segunda é sobre as particularidades de sua vida amorosa; e a terceira e última é sobre sua renúncia final: “su final catástrofe psíquica”<sup>48</sup>.

A fim de introduzir ao leitor à figura da freira, Pfandl faz uma breve introdução aos aspectos gerais da biografia de Juana Inês. Fica evidente, no entanto, que sua única referência para os eventos da vida da freira é a obra de Calleja, uma vez que ele comete os mesmos erros que o jesuíta, ainda que em certos momentos ele chegue a citar a autobiografia contida na *Respuesta*.

Pfandl começa a parte mais densa de sua análise da psique com a aceção: “Los más recientes biógrafos de nuestra monja mexicana están además de acuerdo en que presenta un

---

<sup>45</sup> PFANDL, Ludwig. Soror Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963

<sup>46</sup> Um termo da historiadora Dorothy Schons.

<sup>47</sup> La biographie, même souterraine, ne peut rendre compte, selon nous, de la création littéraire : elle n'est qu'un élément parmi d'autres, dont l'interprétation doit servir à une compréhension globale du projet créateur . Jean-Pierre Richard, L'univers imaginaire de Mallarmé, Seuil, Paris, 1962, p. 73.

<sup>48</sup> PFANDL, Ludwig. Sor Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963p. 13

tipo de mujer claramente orientado a lo masculino”<sup>49</sup>. Pfandl estava muito orientado por uma corrente que, sobretudo na Alemanha da época, apostava em tipos biológicos fixos: o feminino e o masculino. Nessa ótica, uma mulher das letras como Sórora Juana seria uma “intersexual”<sup>50</sup>, alguém com “sexualidade doentia” em atividades como literatura e vida pública.

O que vemos se constituir para a monja é uma série de conceitos chave que nortearão a discussão. O primeiro deles é a questão da performance de gênero como uma espécie de identidade estável ou um *locus*<sup>51</sup> de ação a partir do qual se constroem vários atos. Para um leitor contemporâneo de Soror Juana, a questão do gênero só é uma premissa na medida da subversão. De fato, como ela mesma aponta, ao longo de sua vida, enfrentou duras críticas e tentativas de silenciamento tendo em vista o papel da mulher na sociedade novohispana. O caráter subversivo de seu papel como escritora, no entanto, não havia ainda sido colocado como um sinônimo de masculinização, isso porque a construção da imagem de Soror Juana progride junto com esse debate. Em seus poemas, a jerônima chega a se questionar a rigidez do conceito e do papel da mulher na sociedade de seu período. No poema 48 intitulado *Respondiendo a un caballero del Perú, que le envió unos barros diciéndola que se volviese hombre* ela afirma:

porque acá Sálmacis falta,  
en cuyos cristales dicen  
que hay no sé qué virtud de  
dar alientos varoniles.  
Yo no entiendo de esas cosas;  
sólo sé que aquí me vine  
porque, si es que soy mujer,  
ninguno lo verifique.  
Y también sé que, en latín,  
sólo a las casadas dicen  
uxor, o mujer, y que  
es común de dos lo virgen,  
conque a mí no es bien mirado  
que como a mujer me miren,  
pues no soy mujer que a alguno  
de mujer pueda servirle,  
y sólo sé que mi cuerpo,  
sin que a uno u otro se incline,  
es neutro, o abstracto, cuanto  
sólo el alma deposite.

---

<sup>49</sup> PFANDL, Ludwig. Sor Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963 p. 95

<sup>50</sup> PFANDL, Ludwig. Soror Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963. p 277

<sup>51</sup> BUTLER, Judith. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. P. 200



Este é um dos textos mais analisados dentro da obra sorjuanista, a já citada referência a Salmácis que Mendez Plancarte associou a uma confusão, mas o tom do texto não deixa dúvidas quanto à sua natureza. Ela reiteradamente se questiona quanto à natureza feminina especialmente pela função que aparentemente a define. O título do poema é sugestivo “que lhe enviou pedaços de argila dizendo-lhe que se transformasse em homem” uma clara metáfora para a criação de Adão, moldado a partir do barro, presente no livro de Gênesis; a referência direta a Salmácis é seguida pela explicação “em cujos cristais dizem que há não sei que virtude de dar alentos varonis”. Mais adiante ela questiona “se é que sou mulher” ninguém o verifica, uma vez que, em latim, mulher é *uxor* mesma palavra usada para definir esposa. Ela seria “virgem”, portanto, um substantivo “comum de dois”, ou seja, que serve tanto ao gênero masculino quanto ao feminino. Não seria, portanto, mulher porque não exercia as funções comumente femininas do matrimônio e da maternidade, mas também não seria homem por faltar Salmácis capaz de lhe dar alentos varonis. Logo, uma vez que seu corpo não se inclina nem a um nem a outro, seria, portanto, neutro ou abstrato, um depósito para a alma, um comum de dois.

Octavio Paz lerá esse texto, como uma declaração de que ela é “espiritualmente um andrógino”. Pfandl, antes dele, entende que a freira percebia sua “fracasada natureza feminina”, e acabou por buscar na clausura uma fuga, uma tentativa de responder à questão da escolha pelo convento. Pfandl portanto, se dedica a uma controvérsia que muitos autores se dedicaram a responder, mesmo tendo o vista o fato de que ela mesma já tinha escrito suas motivações na *Respuesta*. Este último tema, sobre a natureza feminina, é um resgate à tópica que tratamos anteriormente no século XVIII com Damião de Froes Perym, que apontou um tipo de “ira” contra natureza feminina, mas agora sob uma roupagem médica.

O hispanista alemão ainda tentou mobilizar outros conceitos a fim de provar a suposta masculinidade de Soror Juana, a partir da anedota contada por Calleja: aos seis anos de idade, a menina teria pedido que seus pais a vestissem como homem para que ela pudesse ir a Universidade. Pfandl argumenta que o psicanalista Karl Abraham já havia descrito o mesmo comportamento em outra paciente, também de seis anos de idade, em sua exposição sobre mulheres neuróticas com complexo de virilidade<sup>52</sup>.

Aqui temos duas questões fundamentais. A primeira, como já buscamos demonstrar no primeiro capítulo, é que a data de nascimento oferecida por Calleja está incorreta, então nesse

---

<sup>52</sup> PFANDL, Ludwig. Soror Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963p. 95

evento, se realmente ocorreu (lembrando que a intencionalidade hagiográfica tendia a acrescentar tópicos prefigurativos), Soror Juana teria nove e não seis anos de idade. Em segundo lugar, percebemos que o autor acaba por ignorar outras possibilidades de análise. Apesar de oferecer, no início do texto, um breve panorama da Nova Espanha, ele acaba por não considerar, por exemplo, a realidade social de Juana Inês para analisar algumas dessas estruturas mentais. Paz comentaria, anos depois, esta mesma anedota, mas concluiria, ao nosso ver de maneira mais cuidadosa e circunstanciada, que “como numa civilização de homens e para homens, pode uma mulher, sem se masculinizar, ter acesso ao saber?”<sup>53</sup>.

A argumentação de Paz é extremamente interessante e oferece uma possibilidade de leitura que ele mesmo talvez não tenha explorado em sua totalidade. Muitos dos textos da freira que sustentam a argumentação da masculinização tem um caráter de fato um tanto quanto subversivo, mas representam vivências e reflexões muito próprias de seu tempo, como bem analisou a espanista cubana Georgina Sabat de Rivers<sup>54</sup> no notável “*En busca de sor Juana*”. No primeiro capítulo do livro, a autora evidencia como o caminho trilhado por Soror Juana não implicava na negação de sua condição de mulher, mas demonstra como sua percepção em relação à condição feminina na Nova Espanha, a levaram à formulação de uma identidade própria.

A filósofa Judith Butler<sup>55</sup> entende esse tipo de postura, como uma apropriação possível, um lugar de possibilidade da subversão das hierarquias de gênero e da heterossexualidade compulsória. Para Foucault<sup>56</sup>, essa subversão pode ser pensada como as resistências estratégicas aos modos de sujeição que acompanham os processos de sujeitificação nas sociedades modernas. A resistência, pode ser compreendida, portanto, como uma prática de liberdade, assim como formas de cuidado de si para a formulação de uma estética da existência. Soror Juana entende o lugar que ocupa, mas fórmula, na própria existência, tais estratégias de subversão. Em sua carta ao Padre Nuñez, seu confessor, a freira expõem sua postura crítica, nas palavras dela:

“Os privados e particulares estudos, quem os proibiu às mulheres? Não têm alma racional como os homens? Pois por que não gozarão da ilustração das letras com elas? Não são capazes de tanta graça e glória de Deus? Pois por que não serão capazes de tantas informações e ciências? Que revelação divina, que determinação da Igreja,

---

<sup>53</sup> PAZ, Otávio. *Sóror Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé*. São Paulo: Mandarim, 1998;p. 101

<sup>54</sup> SABAT DE RIVERS, Georgina. *En busca de sor Juana*. México DF: Facultad de Filosofía y Letras (UNAM), 1998.

<sup>55</sup> BUTLER, J. *Bodies that matter. On the discursive limits of “sex”*. Londres: Routledge, 1993.

<sup>56</sup>FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II. O Uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal,1984,

que ditame da razão fez para nós tão severa lei? As letras atrapalham, mas antes ajudam a salvação? Não se salvaram Santo Agostinho, Santo Ambrósio e todos os demais Santos Doutores? E.V. Rev.ma provido de tantas letras, não pensa em se salvar?” (DE LA CRUZ, 1681)<sup>57</sup>.

Pensemos, portanto, o porquê da centralidade dos temas ligados à sexualidade e a identidade de Soror Juana. O ponto mais fundamental na obra de Michel Foucault<sup>58</sup> sobre a sexualidade moderna, é o fato de ele ter sido capaz de descrever a importância que o sexo assumiu nas sociedades ocidentais enquanto instância privilegiada para a determinação da verdade do sujeito. A partir do XIX, essencialmente, conhecer Soror Juana, era desvendar essa verdade secreta que orientava seu desejo e todas as obscuridades que a ele se associam. Segundo Foucault<sup>59</sup>, nesse mesmo período, passam a operar e tornam-se hegemônicos os saberes médicos, as ciências psiquiátricas e psicológicas, as quais, por sua vez, promoveram uma verdadeira transformação. Não surpreende portanto que Pfandl utilize de termos médicos para o diagnóstico da mente sorjuanista a partir do discurso da “sexualidade doentia” que pode ser compreendida na chave foucaultiana do biopoder, em que caráter desviante associado à homossexualidade passa a ser enunciado através dos discursos médicos e das perversões sexuais.

O autor ainda afirma que a inteligência da freira não seria genuína: “Aquí no se trata de ninguna genialidad, ni de ningún prodigio, sino de una fuerza de represión y de sublimación de base neurótica”<sup>60</sup>. Certamente, esta tentativa de diminuição da capacidade intelectual e da grandiosidade da obra de Soror Juana é não somente uma estrutura machista de pensamento como também um reflexo dos modelos dessas correntes alemãs que são tão basilares no pensamento de Pfandl. Em muitos momentos, o autor parece se esquecer que trabalha com uma documentação também literária e, portanto, complexa e múltipla em si mesma, e transforma obras profundas como *El divino Narciso* e *Primero sueño* em meros repertórios de lugares comuns da psicanálise, não como se lesse um texto barroco, mas um diário íntimo.

Por último, trataremos da análise de Pfandl em relação a hipótese da homossexualidade da poeta. Assim como na masculinização, o autor entende que a relação afetiva que freira desenvolve pelas vice-rainhas é um produto de seu narcisismo. Segundo o alemão, a relação

---

<sup>57</sup> Esta tradução é de Wladir Dupont, da segunda edição do texto “Armadilha da fé” de Octavio Paz nas p.678-679, publicado em 1998 pela Mandarim. A data da publicação é incerta, na Análise de Tapia Méndez estimasse a data de 1681.

<sup>58</sup> FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: A vontade de saber. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

<sup>59</sup> FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: A vontade de saber. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

<sup>60</sup> PFANDL, Ludwig. Sor Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963 p. 117.

que duas mulheres narcisistas desenvolvem entre si não seria uma busca por amor, mas por si mesmas, encontrando em uma amiga a vazão para esse desejo, não do ponto de vista corporal, mas espiritual, a partir de uma duplicação de seu próprio autoideal<sup>61</sup>. Ele não chega a ir mais a fundo na questão. Trata do mito de Narciso e sua paixão pela irmã gêmea como forma de argumentar que esses sentimentos não se manifestaram no real, uma vez que estão “dessexualizados”. Manifestariam-se unicamente no plano das ideias. Por fim, procura afirmar um breve panorama do masoquismo da autora.

O interessante neste ponto é que Pfandl é o primeiro autor a afirmar a existência de uma relação de amizade amorosa entre Maria Luisa e Soror Juana, ainda que atribua isto a uma condição psicológica. Ele ainda supõe que o "Fábio" do poema *Amado Doño Mío* é a condessa de Paredes. O autor chega a citar a relação da freira com Leonor Carreto, mas o fato de Soror Juana ter apenas 13 anos quando chega ao palácio vice-reinal, parece constituir um obstáculo intransponível para uma associação desta primeira relação como qualquer outra coisa que não uma relação maternal.

## 2.2 Ouve-me com os olhos

Ainda em 1971, é digno de nota a menção que Francisco de La Maza fez à Décima Musa em seu livro *Catarina de San Juan Princesa de la India y visionaria de Puebla*<sup>62</sup>. No livro, o autor fala sobre a homossexualidade latente ou manifesta ao se referir a três mulheres famosas: Soror Juana Inés de la Cruz, a monja Alférez e Catarina de San Juan. É interessante o paralelo que La Maza faz, resgatando Pfandl e sedimentando o caminho para La Canal através da anedota de Calleja:

Conocidísimo es el caso de Sor Juana, de que, para estudiar en la Universidad, pidió a su madre que la vistiera de hombre y la enviara a México en calidad de estudiante. Es tan natural el deseo y tan infantil el medio, que sólo conmueve a ternura y admiración(LA MAZA,1990 p.96).

Após a empreitada psicanalítica de Pfandl, a psique será um elemento em quase todas as análises posteriores. Em 1988, quase 26 anos depois de Pfandl, o poeta e psicanalista Fredo

---

<sup>61</sup> PFANDL, Ludwig. Sor Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963 p. 176

<sup>62</sup>DE LA MAZA, Francisco. **Catarina de San Juan: princesa de la India y visionaria de Puebla**. Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1990.

Arias de La Canal<sup>63</sup>, leitor crítico de Pfandl, se propõe a fazer uma análise literária e psicanalítica de Sórora Juana baseada nos estudos de um dos discípulos de Freud: Bergler. A admiração de La Canal pela freira é notável. Ele chega a dizer que Soror Juana “escribió la más profunda poesía erótica que se conoce.”<sup>64</sup>.

O autor trata longa e reiteradamente do tema da sexualidade, principalmente da defesa a hipótese da homossexualidade da poeta novohispana através dos temas da supressão da sexualidade, da projeção da figura da mãe na Condessa e o apego masoquista ao objeto sexual. Ele está apoiado nas mesmas hipóteses de Pfandl, mas, ao contrário deste, La Canal se dedica a demonstrar como essas estruturas se formaram dentro do aparelho psíquico de Juana, tratando sua homossexualidade de forma manifesta (ainda que platônica).

O livro está dividido em duas partes. A primeira é um *Intento de psicoanálisis de Juana Inés* ao passo em que o segundo é uma apresentação de *Otros ensayos sorjuanistas*. Enquanto a primeira parte busca definir conceitos como sua neurose básica, o masoquismo, seu complexo de Édipo e a adaptação à rejeição materna, a segunda parte é uma sobreposição das estruturas mentais desenhadas na primeira. O autor, portanto, trata, já de maneira categórica, de temas como feminismo ligado à homossexualidade da autora, a transposição do Símbolo e o Lesbianismo e chega a oferecer uma crítica ao texto de Octavio Paz que analisaremos adiante.

O método utilizado por La Canal é uma mistura dos conceitos de Freud e Bergler, e tem como principal finalidade sedimentar uma orientação sexual para Soror Juana. Para definir sua neurose básica, não tendo acesso aos primeiros anos de sua vida, ele parte de um pressuposto da obra de Bergler, que propõe que todo autor sofre de uma neurose pré-edípica, ou seja, de um temor básico à imagem da mãe, que o leva, por um impulso de autarquia, a mostrar para essa mãe malévola que é capaz de obter prazer oral através de belas palavras, sem precisar dela para nada<sup>65</sup>.

La Canal usa muito menos das biografias anteriores para escrever sua análise. Ele parte longa e reiteradamente dos poemas de Soror Juana, o que não o exime de reproduzir as tópicas discursivas construídas até ali. Ao contrário de Pfandl, ele não entende a inteligência de Soror Juana como fruto de neuroses, residindo aqui um dos poucos pontos nos quais ele, de fato, discorda do alemão. O autor pontua, por exemplo, um lugar comum também tratado por Pfandl

---

<sup>63</sup> CANAL, Fredo Arias de la. *Intento de psicoanálisis de Juana Inés. Frente de afirmación hispanista*, México, 1988. p 158

<sup>64</sup> CANAL, Fredo Arias de la. *Intento de psicoanálisis de Juana Inés. Frente de afirmación hispanista*, México, 1988. p 158

<sup>65</sup> CANAL, Fredo Arias de la. *Intento de psicoanálisis de Juana Inés. Frente de afirmación hispanista*, México, 1988. p.25

acerca da supressão da sexualidade a partir do celibato e reafirma uma condição biológica da mulher, argumentando que:

Pero Juana, como toda mujer, tenía su instinto de procreación. Este impulso instintivo proviene del id (ello) que es la forma más primitiva de la personalidad. Componen, pues, los impulsos agresivos-sexuales la fuerza motora de la conducta humana, pero tales impulsos son modificados por las adaptaciones inconscientes del yo (parte del ello) que se forma en la tierna edad del individuo. Como en el caso de Juana tenemos una adaptación neurótica al deseo de ser rechazada por su imagen materna, nos encontramos con una defensa de rechazo hacia los hombres, lo que impide el desarrollo normal de los impulsos sexuales del ello. En consecuencia, Juana deseaba ser madre pero sin el contacto masculino. (CANAL,1988. p 53-54)

Se depurarmos o argumento veremos operar aqui principalmente três lógicas a respeito da “natureza feminina”. A primeira é a de que existe um instinto feminino natural à procriação; a segunda é a de que a supressão desse desejo leva a um impulso “agressivo sexual”; e, por último, que esse impulso, quando castrado, levaria a uma rejeição em relação aos homens. Para entendermos como essas três dialéticas são operacionalizadas conjuntamente recorreremos ao trabalho de Cláudia Maia<sup>66</sup>, quando a autora analisa o texto de Magali Engel:

no discurso médico o organismo da mulher era definido “como fisiologicamente mais propenso à perversão sexual do que o masculino, pois, ao dotá-lo de um forte instinto de procriação, a própria natureza havia gerado o caráter ambíguo da sexualidade feminina”. Assim, os instintos sexuais no corpo feminino são mais aguçados e incontroláveis em função da necessidade de reprodução. Para realizá-los as únicas alternativas seriam como esposa/mãe (sexualidade sadia) ou como prostitutas (sexualidade doente) (Engel, 1986: p. 174). Nestas condições dadas, a celibatária não teria como realizar seus “instintos sexuais” tendo como consequência o nervosismo, a irritabilidade, a raiva e o ódio lançado sobre os outros.

E o discurso não se limita à questão comportamental, alguns médicos chegam a dizer que o celibato levava à masculinização do corpo<sup>67</sup>. Se por um lado o controle sobre os corpos femininos era exercido pela própria estrutura social do casamento e do patriarcalismo, a renúncia era, agora, também patológica. Foucault elaborou a noção de “dispositivo da sexualidade” por meio do qual existiria uma obrigatoriedade da prática sexual, uma vez que ela define o sujeito e seu lugar no mundo, além disso, o desejo sexual foi produzido como inato

---

<sup>66</sup>MAIA, Cláudia J. Genealogia da solteirona no Brasil. Comunicação apresentada no XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, 2011.p.14.

<sup>67</sup> Podemos ler na obra do Dr. Maurício Sobrinho: “Em consequência da continência de longa duração, as particularidades sexuais secundárias da mulher desaparecem, o caráter torna-se iracundo, áspero, o aspecto masculino se denuncia sob a forma de pellos de barbas no mento, etc.MAURÍCIO SOBRINHO, Manoel. Contribuição ao estudo da continência. Rio de Janeiro: Papelaria SOL, 1911.(Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) Acervo Washington Pires – CEMEMOR/MG.p 50

e parte da natureza humana<sup>68</sup>. Essa estrutura de controle, para Foucault, operava através de cinco técnicas: inicialmente um “fazer falar” codificado pela clínica; seguido de uma ideia do sexo como causa de tudo e de nada; que se articula com a coerção de uma confissão difícil a uma prática científica; passando pelo método da interpretação (a sexualidade como algo a ser interpretado); e da medicalização dos efeitos da confissão. Assim, “através desse dispositivo, pôde aparecer algo como a ‘sexualidade’ enquanto verdade do sexo e de seus prazeres”<sup>69</sup>.

Na segunda parte do livro, *La Canal* se dedica a estabelecer a relação entre feminismo e homossexualidade. Neste capítulo além da falta de compreensão em relação aos conceitos em si, o autor ainda tem pouco, para não dizer nenhum, cuidado em relação ao anacronismo:

Si consideramos que destacadas escritoras, poetisas, investigadoras y pensadoras en general, ensalzan la megalomanía de sus congéneres femeninos para que desarrollen una dinámica que compita con la de la versión masculina del ser humano, a cuya versión le profesan un odio latente y en ocasiones manifiesto; si consideramos estos hechos, digo, asociaremos la bisexualidad a la neurosis oral de todo pensador y la agresividad antimasculina a un síntoma histérico, comprendiendo que la defensa de agresividad feminista es sólo una reacción contra una adaptación inconsciente infantil a la pasividad que se hace insoportable a un ser homosexual, o sea, a un ser que se conduce como hombre siendo mujer (CANAL, 1988. p 178)

Aqui vemos o retorno de algumas tópicas que já havíamos visto em Pfandl: o autor inicialmente volta a afirmar uma noção de agressividade feminina e o rechaço ao homem como produtos da supressão do desejo para, no entanto, adicionar outras camadas a esse pensamento. Agora, essa agressividade seria uma resposta à adaptação inconsciente infantil à passividade insuportável para uma pessoa homossexual. Por fim, completa fazendo uma falsa equivalência entre a homossexualidade e a performance “un ser que se conduce como hombre siendo mujer”. Para descrever a estrutura mental do lesbianismo, o autor traz uma série de pensadoras e analisa os aspectos, segundo ele, homossexuais de suas obras, começando por Adrienne Rich, Clare Coss, Joan Larkin e entre outras; ele demonstra a partir da análise dos trabalhos dessas mulheres o que ele pensa ser uma manifestação do apego masoquista à figura pré-edípica da mãe, e, ao contrário de Pfandl que descreve a projeção narcísica à questão da dupla autoidentificação, *La Canal* entende que a figura projetada em outras mulheres, é a figura da mãe.

É evidente, portanto, que a imagem que vemos nascer em *La Canal*, se traçarmos a genealogia, tem a seguinte estrutura: a masculinização de Pfandl é sublimada em *La Canal*;

---

<sup>68</sup>FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

<sup>69</sup>FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p 67

Juana Inês não somente negou as funções sociais que lhe foram atribuídas. Essa negação vinha de um desejo de ser homem e iria além: esse desejo suprimido a levava a odiar os homens e portanto a direcionar seu desejo para mulheres. Ele entende, no entanto, que o afeto de Soror Juana pela Marquesa de Paredes era manifesto (ainda que casto e platônico), ou seja, não mais uma amizade amorosa, mas uma relação lésbica platônica.

Ao longo deste capítulo procuramos demonstrar como as biografias de Soror Juana foram atravessadas pelos mesmos processos que os espaços de experiência de seus autores, e pela estrutura política e social do período no qual a biografia foi produzida. Muito mais do que tentativas de resgate e investigação histórica da figura da freira, essas biografias produziram uma memória poderosa acerca da Fênix Mexicana, que ultrapassa o debate do campo acadêmico e entra na memória de senso comum sobre a jerônima. Nossa proposta aqui, não pretende discutir necessariamente a veracidade desses argumentos, mas as estruturas que emergem a partir deles e como esses jogos de poder operam. Se buscássemos pela “verdade” do discurso, perderíamos a possibilidade de fazer historiografia, uma vez que, para Foucault<sup>70</sup>, "a genealogia se opõe à pesquisa de origem o genealogista necessita da história para conjurar a quimera de origem". O que se pretende desconstruir aqui é que, nas palavras de Foucault:

A história, genealógicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam. (Foucault, 1979, pp. 34-35)

Não há uma finalidade na história, assim como não há uma origem; os acontecimentos emergem ao acaso das forças, e não a partir de uma intenção ou determinação prévia, ou seja, não é como se esses autores pretendessem criar uma determinada memória, mas entendemos que as relações de poder não poderiam funcionar se não estivessem ancoradas em regimes de verdade; se não fossem imanentes à produção, à acumulação, à circulação e ao funcionamento de um discurso.

---

<sup>70</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do poder* Rio de Janeiro: Graal.1979.p 16 e 19



### 3. YO, LA PEOR DE TODAS

*Amor no busca la paga de voluntades conformes*

- Juana Inés de La Cruz. Romance 4.

Apesar da forte influência que Pfandl passa a exercer sobre a memória de Soror Juana, o debate segue agora sob novas roupagens. Em março de 1994, o escritor, filólogo e tradutor mexicano Antonio de Alatorre escreveu o importante *Sor Juana y los hombres*<sup>71</sup>, um artigo breve, publicado na revista *Debate feminista*. Este não é o único texto no qual o autor se dedica a analisar aspectos da vida da poeta. Alatorre é um importante pensador sorjuanista, e nos presenteou com ensaios como *Avatares barrocos del romance*, no qual reflete sobre as questões de fato líricas da obra de Góngora e Juana Inês. Ele analisa detalhadamente, ainda em 1987, a relação entre a monja e o padre Nuñez, seu confessor, no texto “*La Carta de Sor Juana al P. Núñez*” (1682), e um terceiro onde trata do importantíssimo *Fama e Obra Póstumas*, uma incontornável análise da biografia da freira, já tratada anteriormente neste trabalho, intitulada *Para leer Fama y obras póstumas de sor Juana Inés de la Cruz*.

Evidentemente, o autor não deixaria de discutir o ponto que, como já tratamos aqui, paira reiteradamente sobre a obra da Fênix Mexicana. Em *Sor Juana e los hombres*, o autor nos traz uma análise da suposta “masculinidade” da freira jerônima sob uma outra perspectiva, partindo da premissa colocada por Paz, que já comentamos anteriormente, sobre como, numa civilização de homens e para homens, pode uma mulher, sem se masculinizar, ter acesso ao saber.<sup>72</sup> Alatorre nos aponta um outro caminho, nas palavras do autor:

“Todo nos lleva a concluir esto tan simple: Sor Juana tuvo el sueño de ser hombre. Sólo que, en este sueño, hombre no significaba individuo del sexo masculino, sino individuo del género homo sapiens. "Hombre", no en contraposición a "mujer", sino en contraposición a "animal.”(ALATORRE,1994. p.331)

A escrita de Alatorre busca uma conciliação, um tanto quanto vaga, entre a proposta da masculinidade da autora e a possibilidade de leituras não patológicas. Ao final do texto ele justifica que sua posição busca rebater a tese de “las críticas feministas” que buscavam argumentar que Soror Juana não defendia uma igualdade de direitos entre homens e mulheres,

---

<sup>71</sup> ALATORRE, Antonio. Sor Juana y los hombres. *Debate feminista*, v. 9, p. 329-348, 1994.

<sup>72</sup> PAZ, Otávio. Sórora Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé. São Paulo: Mandarim, 1998. p 101.

mas que procurava devolver a supremacia do gênero humano a sua legítima titular, a mulher<sup>73</sup>. Não sabemos ao certo a quem Alatorre se refere neste texto, mas ele busca balancear essa suposta “supremacia feminina” e encontrar um terceiro caminho entre ela e as posições de Pfandl sobre sua masculinidade da freira. De fato, Alatorre não se aprofunda nesta proposta a ponto de nos proporcionar uma análise mais detida da maneira como essa estrutura se daria, mas ele repete alguns dos temas já estabelecidos por Pfandl, como a reiterada “inveja do pênis”. O fato é que esta breve colocação de Alatorre pavimenta um outro caminho para as biografias da freira, ou pelo menos, busca abrir as possibilidades de interpretação para além daquelas psicológicas.

### 3.1 Diversa de si mesma

A obra de Octavio Paz<sup>74</sup>, publicada em 1982, é, sem dúvidas, um dos trabalhos mais influentes acerca da vida de Soror Juana Inés de La Cruz. É, por definição, uma biografia, mas em essência ultrapassa esse gênero, também oferecendo em certos aspectos uma análise histórica da Nova Espanha, além de um estudo literário, psicoanalítico e poético da obra e da autora.

No livro, dividida em 6 partes, Paz busca “vislumbrar” quem foi Soror Juana. O autor trata de muitos aspectos da vida da autora, sua origem, sua decisão de vestir o hábito, que seria motivada por sua paixão pelo saber, a decisão pelo enclausuramento, e talvez a mais contraditória: qual a natureza das relações entre Soror Juana e Maria Luisa Manrique. Ele se dedica ainda a compreender o que a levou a renunciar às letras. Na contramão dos estudiosos católicos, que interpretam o silêncio prematuro da poeta como uma conversão mística, Paz oferece uma leitura do gesto de Juana Inés como uma rendição diante das forças que pretendiam silenciá-la.

Na primeira parte do livro, o autor apresenta a bibliografia acerca da vida de Soror Juana, com dois textos básicos: a carta de Sórora Juana ao Bispo de Puebla e a Biografia da freira organizada pelo jesuíta Diego de Calleja. Segundo Paz, não é uma biografia no sentido moderno da palavra, mas uma “narração edificante”. Calleja foge de tudo aquilo que possa obscurecer a imagem da Freira e não esclarece dois grandes pontos: o que a levou a professar a fé? - primeira grande questão a qual Paz se dedica - e o que a levou a renunciar às letras?

---

<sup>73</sup> ALATORRE, Antonio. Soror Juana y los hombres. *Debate feminista*, v. 9, p. 347, 1994.

<sup>74</sup> PAZ, Otávio. Sórora Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé. São Paulo: Mandarim, 1998.

Os autores católicos subsequentes que falaram sobre Soror Juana, seguem o exemplo de Calleja e, portanto, descrevem uma vida exemplar, e como argumenta Paz: “Se esses pontos de vista tivessem triunfado, estaria definitivamente desfigurada a verdadeira Soror Juana, oculta sob? sua máscara da santidade” (PAZ, 1998. p 97).

“Ver nela uma lésbica é uma aberração”: a afirmação feita por Octavio Paz apresentada na segunda parte do livro busca situar sua opinião diante das análises do hispanista alemão Ludwig Pfandl<sup>75</sup>. Paz busca oferecer uma hipótese para os poemas em que necessariamente: “o excedente libidinoso não podia ser utilizado num objeto do sexo oposto. Era preciso substituí-lo por outro objeto: uma amiga”<sup>76</sup>. O que notamos portanto é que, segundo o autor, existe um objeto sexual apropriado (o homem) e, no caso de Sórora Juana, o que se tem é “homossexualidade situacional”. Em outras palavras, se de fato a freira estivesse apaixonada pela Vice-rainha, era na verdade um atributo circunstancial.

Em relação a esse dito “excedente libidinoso” ou mesmo a ideia de que a supressão da sexualidade geraria essa carência do objeto sexual ideal, pensemos que a própria natureza da vida conventual pressupõe a submissão e a obediência não somente hierárquica na estrutura da igreja, mas ainda em relação ao divino, movimento que exige uma espécie de castração simbólica na renúncia da sexualidade por meio do voto de castidade. Para Butler<sup>77</sup>, o desejo não é nunca renunciado, mas se mantém e se reafirma na própria estrutura da renúncia. A libido, para a autora, acaba por ser canalizada para outras áreas da vida do sujeito. Os caminhos percorridos pela renúncia, segundo a autora, perpassam uma estrutura:

A repressão e o desejo não podem ser desvinculados, uma vez que a própria repressão é uma atividade libidinal, e o corpo, longe de tentar escapar das interdições morais que se voltam contra ele, mantém essas interdições a fim de continuar desejando.<sup>78</sup>. (BUTLER, 1997, p. 156).

A estrutura mental descrita por Paz, no entanto, é mais um palpite do que uma análise de fato, na ausência de informações sobre sua infância e sua relação com o pai, Paz literalmente supõe, segundo ele:

---

<sup>75</sup> PFANDL, Ludwig. Sor Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963

<sup>76</sup> PFANDL, Ludwig. Sor Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México. México: Universidad Autónoma de México, 1963. p 298.

<sup>77</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p 156

<sup>78</sup> GOMES, Lilian Cristina Bernardo; OLIVEIRA, Warley Alves de. “Claustros Castrados: a ocultação do sujeito sexual no interior dos conventos”. In: *Contextura*, 11, Belo Horizonte, dez., 2017, p. 45.

“A imagem que teve do pai, como eu já disse, foi uma mistura de ressentimento, nostalgia e – por que não? – secreta admiração. Se, como dá a entender sua atitude, ela o matou imaginariamente e o enterrou no silêncio, sua poesia o desenterrou, transfigurando os dois, ela e ele: ela foi sua viúva e ele, seu marido morto. Essa fantasia inverte, em seu primeiro momento, a situação arquetípica que, segundo Freud e seus seguidores, as crianças adotam diante de seus pais: matar simbolicamente o pai ou a mãe para, também simbolicamente, substituí-los. No caso de Juana Inês, se é verdadeira minha suposição, a menina mata o pai, não a mãe, e isso indica um inversão do sexo e de valores. Dupla transgressão – matar a imagem do pai e assumir assim, não a imagem da mãe, mas a masculina. Essa “masculinização”, porém, por sua vez, é negada num segundo movimento de sua vida psíquica: Juana Inês transforma o fantasma paterno no espectro do seu marido e ela se transforma em viúva.” (PAZ, 1988.p 119)

O argumento de Paz é tão frágil quanto o de Pfandl. Ele acusa Pfandl de se aproximar mais de Jung que de Freud e, por sua vez, puxa a interpretação para o eixo Freudiano mais comum: o complexo de Édipo (ou “Complexo de Electra”, nome que Jung dá ao fenômeno). Ele analisa a “masculinidade” de Soror Juana baseada na ausência paterna, o que a faria assumir o lugar do pai, e, em um segundo movimento psíquico, negar essa “masculinidade” criando um espectro para figura masculina e assumindo o lugar de sua viúva.

Adiante, Octavio Paz volta a esta questão, não mais de forma psicanalítica, mas social. De acordo com ele, a transgressão seria virilização, e colocaria o contexto social como um dos motivos de sua “masculinidade” e a virilidade como uma imposição social para a vontade de Juana de seguir com seus estudos. Segundo Paz, a virilidade é um disfarce imposto a Soror Juana. Também fica claro para o leitor que a masculinidade é entendida por Paz a partir de um tipo fixo, ou seja, ele a lê como “masculina” ou “viril” pelas performances esperadas do gênero feminino. Nas palavras do autor: “A transgressão é virilização: menina corta o cabelo e quer se vestir de homem; jovem, neutraliza seu sexo sob os hábitos de religiosa; adulta identifica-se em seu poema *Primeiro sueño* como o herói Faetonte.”

É notável que ao contrário de outros autores que falaram sobre a freira, Octavio Paz não desvia do tema de sua relação com a marquesa de Paredes, mas o trata de maneira controversa. O autor da primeira biografia, Calleja, evitou totalmente o tema, talvez mais porque ainda não fosse uma questão naquele momento, atitude que podemos notar em outros autores subsequentes como Méndez Plancarte ou até mesmo o confessor Nuñez de Miranda.

Octavio Paz chega a dizer que há nos escritos de Juana Inês “alguma coisa mais, diferente da gratidão e da amizade”<sup>79</sup>, e continua: “o afeto de Sórora Juana pela condessa de Paredes, a julgar pelo tom dos poemas a ela dedicados transformou-se rapidamente num

---

<sup>79</sup>PAZ, Otávio. Sórora Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé. São Paulo: Mandarim, 1998. p.269

sentimento de tal modo apaixonado que só pode ser chamado de amor”. Apesar dessa afirmação, dedica um capítulo inteiro a rebater a hipótese de um amor consumado.

O capítulo intitulado “Concílio de Estrelas” integra a quarta parte do livro. Paz se dedica especificamente à análise da relação entre Soror Juana e Maria Luisa Manrique. Ao se debruçar sobre o tema, notamos que ele se apoia principalmente em duas frentes para construir seu argumento: o estilo de escrita palaciano e o amor cortês. Quanto à escrita Palaciana, trata-se de uma temática recorrente para a época, se considerarmos o fato de que Soror Juana viveu muitos momentos de sua vida entre nobres, mesmo antes do convento, quando viveu na casa da vice-rainha Leonor Carreto, à qual também dedicou diversos Poemas, dando a ela o nome poético de Laura, em alusão a Petrarca. Apesar de ser notável também nesses poemas dedicados a Laura o tom de paixão, são menos vivos e mais reservados do que aqueles que mais tarde serão dedicados a Maria Luisa. Mas se essa é a hipótese, por que dedicar esses poemas à vice-rainha e não ao vice-rei?

Segundo Paz, seria escandaloso uma mulher se referir ao vice-rei da maneira como Soror Juana se referia a Vice-rainha, exaltando não somente suas virtudes morais e físicas, mas também as imagens eróticas. Segundo ele, não era incomum uma mulher se referir a outros nesses termos, mas não nos dá outros exemplos para sustentar esta argumentação. A hipótese do estilo palaciano é ainda mais relevante se considerarmos o momento histórico e a trajetória de vida de Soror Juana que viveu muitos anos no palácio vice-reinal, mas resumi-los ao estilo é, segundo o próprio Octavio Paz, “não perceber o que de único e particular neles existe” (PAZ, 1998. p 274).

A hipótese do amor Cortês vem, portanto, para preencher essa lacuna. A mistura entre a expressão do amor real e irreal do trovador a sua dama, construído sob o vocabulário medieval de servilismo do vassalo ao senhor, em grande medida poderiam ser uma hipótese para os poemas escritos para a marquesa. Paz se concentra nas descrições de Robert Briffault e René Nelli para construir esse argumento e, na expressão comum do amor cortês que promove uma confusão entre erotismo e vassalagem, típica do Renascimento e do Barroco. Um ponto desse estilo de escrita pode ser observado nos escritos da freira: a submissão à dama. O segundo, no entanto, não é presente, o que trata de sua “masculinização”, ou seja, o poeta além de submisso, tinha o costume de tratar de sua amada através de pronomes masculinos, movimento que Soror Juana não realiza. Hipótese preenchida mais tarde por José Carlos Boixo para quem o “eu poético” em Sórora Juana é feminino. Uma vez que todo “eu poético”, até então, vinha de homens, Juana estaria negando o papel passivo da mulher nas produções sobre relação amorosa

e em sua obra demonstra a capacidade de expressar uma variada gama de situações amorosas a partir da perspectiva feminina ativa.

Esta segunda hipótese constituiria um cenário muito apropriado para pensarmos os poemas da Freira, não fosse em seguida um ponto que o próprio Octavio Paz nota. Se analisarmos poemas de amor cortês com traços de escrita palaciana do mesmo período, encontramos uma enorme variedade de Góngora, Quevedo, Lope e Calderón. A grande diferença desses autores para Sórora Juana é, segundo Paz, que a freira “alcança em certos poemas a intensidade que distingue a paixão autêntica da retórica” (PAZ, 1998. p 279). Ou seja, se analisarmos Góngora por exemplo, em seus escritos dedicados à marquesa de Ayamonte, o autor surpreende por “nunca expressar um sentimento pessoal”. Juana Inês, no entanto, escreve declarações de admiração amorosa. Paz conclui que “os poemas de sórora Juana para Maria Luisa muitas vezes se afastam do gênero cortesão e constituem um mundo à parte e do qual não existem outros exemplos na poesia de época”<sup>80</sup>. Esta última afirmação parece entrar em contradição com a anterior, uma vez que ele havia afirmado que era comum para uma mulher se referir a outra nesses termos, como então esse estilo constituiria algo a parte dos modelos de época?

Ao longo dos capítulos seguintes, Paz se dedica a apresentar as ideias de amor em diversos autores a fim de situar onde estariam as inclinações do modo de escrita da autora, e como Sórora Juana e Maria Luisa, justificavam o tom de seu amor sem que isso se opusesse a moral vigente (o que, segundo Paz, a própria Sórora Juana não se cansava em repetir nos títulos dos poemas, que eram honestos, puros e decentes).

Para fechar essa que é uma das questões centrais do texto de Paz, ele pinta uma imagem de Juana Inês onde o corpo e a mente lutam, em que sua libido, “poderosa e sem emprego”, acaba se convertendo através de seus poemas, e, claro, vaza pelos textos escritos a Maria Luisa. Concluindo que sua carência de objeto, se mostra na frequência com que aparecem em seus poemas imagens do corpo feminino e masculino, quase sempre convertidas em aparências espectrais. Sórora Juana - afirma o poeta - viveu entre sombras eróticas.

Nos últimos capítulos dessa que ainda é uma das obras mais importantes sobre a vida da madre, Paz analisa o texto “Primeiro sonho”, um de seus poemas mais pessoais e provavelmente o texto que concede a ela um lugar na literatura universal. É possível notar, ao longo do poema, uma mescla entre o escolasticismo comum ao ambiente da Nova-Espanha,

---

<sup>80</sup>PAZ, Otávio. Sórora Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé. São Paulo: Mandarim, 1998. p 281

mas também o despontar da modernidade nas alusões ao fracasso da alma por conhecer a natureza do universo.

A última parte do livro se ocupa da terceira questão fundamental a qual Paz se dedicou, o que a levou a renunciar às letras, o que a fez vender e doar seus livros e sua coleção de instrumentos musicais, assim como sua confissão final, “rubricada com seu sangue”. Em uma análise dos acontecimentos, Paz argumenta que o rechaço público que a autora recebe após a escrita da “Respuesta a Sor Filotea de La Cruz” motivado, segundo ele, pela difícil relação que a Freira estabeleceu com a hierarquia eclesiástica e a inveja dos prelados que a rodeavam, é o que a levam a essa negação de si mesma. Hipótese que se constrói a partir de uma carta que Juana Inês escreveu a seu confessor, Núñez Miranda. Nela, defende sua devoção às atividades intelectuais, rompendo com a relação que tinha até então com seu confessor lhe dirigindo “comentários irônicos e até mesmo sarcásticos”, conflito sem dúvidas inevitável, uma vez que Miranda condenava muitos dos trabalhos da Freira por considerá-los mundanos. Muitos dos autores negam a hipótese de uma renúncia forçada de Soror Juana às letras, o fato é que ocorre essa ruptura, se não com as relações de poder, ao menos consigo mesma.

As armadilhas da Fé, sem dúvida, confirmam a palavra que Paz usa para descrever o sentimento que a figura de Juana Inês desperta em nós leitores e nele mesmo: “sedução”. Esse grande ensaio crítico e biográfico é um esforço do autor de encontrar em Soror Juana o primeiro grande poeta mexicano. É notável também, a incomparável interpretação que Paz oferece da Freira, assim como a identificação que ele demonstra ter com a autora, o que expõe, como argumenta Anthony Stanton, “as chaves da autobiografia intelectual do próprio Paz”.<sup>81</sup>

### **3.2 Acá Salmácis falta**

A maior parte dos biógrafos de Soror Juana, com poucas exceções, parecem ter buscado desvendar os mistérios de sua vida. Desde sua morte, vemos a mais variada gama de naturezas documentais buscarem por uma verdade acerca dos silêncios biográficos que ainda a cercam. A imagem da Jerônima chega ao século XX numa perspectiva radicalmente diferente daquela que nos dedicamos a analisar no início deste trabalho. De fato, sua obra literária figura hoje plenamente reconhecida entre os maiores poetas do barroco – Lope, Góngora, Quevedo – sob a sombra do imenso valor de sua obra literária, vemos existir ainda esse espectro biográfico que criou uma imagem sólida da freira na atualidade. Ao fim do século XX, vale ressaltar o

---

<sup>81</sup> STANTON, A. (1990). Reseña de Paz, Octavio. Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe. México: FCE, 1982. *Literatura Mexicana*, 1(1), 242-248.

trabalho de José Carlos González Boixo, especialista em Literatura Hispano-americana, que dedicou diversos de seus trabalhos ao século XVII e às narrativas contemporâneas. Ele dedicou sua carreira a explorar a obra do escritor Juan Rulfo, mas também contribuiu reiteradamente com os estudos Sorjuanistas.

Aqui pretendo analisar o trabalho de Boixo intitulado *Feminismo e intelectualidade em Sor Juana*<sup>82</sup>, publicado em 1997, que nos oferece uma interessante perspectiva a respeito da ampla discussão sobre a “masculinidade” de Sórora Juana. Para ele, os poemas dedicados a Lisi, que tecem um elogio à beleza de Maria Luísa, muito ao contrário da masculinidade, revelariam uma delicada familiaridade e feminilidade. Ele procura demonstrar ainda como *Hombres necios* e a comédia *los empeños de em casa* revelam vivências puramente femininas da Nova Espanha. Para tanto o autor analisa que:

“Sor Juana se identifica, como mujer con un alma gemela en afanes intelectuales. El momento culminante del poema llega con la mención a Lisis: sor Juana ensalza a la duquesa y a la condesa de Paredes en una cascada de elogios centrados en la belleza femenina. El tópico, sin embargo, pierde su carácter tradicional, es decir, la perspectiva masculina: la delicadeza de las menciones más bien sugiere un ámbito familiarmente femenino.” (BOIXO, 1995.p. 78).

O movimento desenhado por Boixo é uma perspectiva de análise ousada se pensarmos a tradição. Ele não só afirma a posição “feminina” de Sorora Juana, como nos oferece uma interpretação muito mais profunda do que a proposta de Alatorre de “sonhou em ser um indivíduo do gênero homo sapiens” ou a “virilização social” e “homossexualidade situacional” de Paz, uma vez que, em ambos, parece operar uma lógica de caráter desviante ou enfoque doentio. A proposta de Boixo pensa uma escrita Sorjuanista essencialmente feminina. Para o autor, Sorora Juana segue fielmente a tradição no que diz respeito à escolha do *eu poético*, uma vez que todos os seus poemas são em primeira pessoa, como era comum nas expressões de amor cortês desde Petrarca, mas ao assumir essa postura cria uma lírica essencialmente nova. Uma vez que todo “eu poético” até então vinha de homens, Juana estaria negando o papel passivo da mulher nas produções sobre relações amorosas, e em sua obra demonstra a capacidade de expressar uma variada gama de situações românticas a partir da perspectiva feminina ativa<sup>83</sup>.

---

<sup>82</sup> BOIXO, José Carlos González. *Feminismo e intelectualidade em Sorora Juana*. In: Sorora Juana Inés de la Cruz. Bulzoni Editore, 1997. p. 33-46.

<sup>83</sup> BOIXO, José Carlos González. La poesía de la “inteligencia” en Sorora Juana: Su proyección desde el ideario feminista. *Colonial Latin American Review*, v. 4, n. 2, p. 125-138, 1995.



Talvez, por isso apareça em Octavio Paz uma inquietação em relação aos poemas de Sórora Juana para Maria Luísa, que muitas vezes se afastam do gênero cortesão e constituem esse mundo à parte e do qual não existem outros exemplos na poesia de época<sup>84</sup>. Paz percebe aquilo de único que existe nos poemas de Soror Juana, mas não entende que é justamente o caráter feminino desses textos que concede a ela esse elemento incomparável, e atribui a sua excepcionalidade a uma “masculinidade”.

Existe, na obra de Boixo, uma questão ainda mais interessante, a conotação de “feminilidade”, que ele atribui a essa característica do Sorjuanismo, não se baseia nessa ideia, muito presente nos autores anteriores, de que esta seria uma identidade fixa. Ao analisar um de seus poemas mais famosos “*Hombres Necios*”, ele argumenta que a leitura revela uma série de valores que relativizam, quando não se colocam como opostos, a esta definida “masculinidade”. Segundo Boixo:

“Podría denominarse "femineidad", término que engloba una serie de valores distintos (cuando no opuestos) a los representados por la "masculinidad". En el caso de Sor Juana, dicha "femineidad" se percibe en el tono familiar y afectivo de muchos de sus poemas, especialmente en los dedicados a la condesa de Paredes y en otros de tipo "cortesano". Se trata, desde luego, de una cuestión de matiz, por la que el lector percibe que el poema ha sido escrito por una mujer (aunque en términos teóricos, no sería fácil mantener esta distinción).”(BOIXO, 1995. p.134)

O autor ainda rebate outros dois pontos fundamentais que sustentaram as argumentações de Pfandl, La Canal e Octavio Paz. Ele analisa inicialmente a resposta de Soror Juana ao *Caballero del Peru*, já aqui citada, muito interpretada como uma referência a androginia da Freira. Boixo lê a obra como em tom bem-humorado, jocoso, ainda que não isento de seriedade, dizendo que a inteligência não entende os sexos.

Por último, ainda destacamos a argumentação Boixo em relação ao poema “*Primeiro Sueño*”, em que Soror Juana se identifica como Faetonte. Para Paz, isso foi uma confirmação de sua “masculinização”. Na escrita da poeta, ele sustenta, Faetonte se torna um símbolo de atrevimento, como exemplo à alma, para que não ceda diante do difícil caminho trilhado pela intelectualidade. Se nas leituras tradicionais, Faetonte simboliza uma espécie de limite, que não deve ser ultrapassado, em *Primeiro Sueño*, é uma inspiração para um avanço para além do desconhecido.

---

<sup>84</sup> PAZ, Otávio. Sórora Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé. São Paulo: Mandarim, 1998; p 281

Ao fim e ao cabo, fica evidente que as tópicas ligadas a sexualidade da freira ainda são muito centrais nos trabalhos sobre a vida da autora. Os temas da masculinidade e homossexualidade, assim como do tratamento patologizante dos poemas da Jerônima, permeiam as leituras mais contemporâneas da obra da autora. Como vimos, esse processo é complexo e rizomático, mas revela os poderosos discursos que se operam em sua construção. Mais do que buscar entender o processo que cria uma memória sobre Soror Juana, esse trabalho é um convite para futuras análises. Aqui procuramos apontar a existência de uma problemática, mas entendemos que o trabalho de Boixo já aponta para as novas possibilidades de análise que podem surgir da compreensão mais ampla do debate.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1926, a norte-americana Dorothy Schons afirmou que “A biografia de Sórora Juana ainda está por ser escrita”<sup>85</sup>. Hoje, 96 anos depois, ainda podemos entender sua fala como verídica. As polêmicas que a levaram a deixar de escrever nos últimos anos de sua vida não calaram a fama que vimos nascer e ser sedimentada após a sua morte. O século XVII faz elogiosos tomos sobre a Décima Musa, e termina num ensurdecedor silêncio no XVIII. Assim como a maioria dos escritores barrocos, Soror Juana enfrentou o cisma que se instala entre a maioria dos pensadores em relação ao barroco, para então renascer no XIX e ocupar novamente seu lugar na literatura universal, legitimando seu pseudônimo como a Fênix mexicana.

Pensar uma historiografia Sorjuanina é entender uma história do pensamento em torno e a propósito da intelectualidade e da sexualidade feminina. Procuramos demonstrar no primeiro capítulo como nos séculos que vão da morte da autora no século XVII ao XVIII, Soror Juana passa de uma máscara santa a um quase esquecimento. Em sua época, as polêmicas em torno de seus textos eram essencialmente relativas ao caráter subversivo de sua obra e seus constantes embates com a hierarquia eclesiástica. A partir do XVIII, no entanto, talvez não intencionalmente, vemos a criação de determinadas tópicos, que acabaram inaugurando uma longa discussão sobre a natureza das relações amorosas de Sórora Juana, assim como sobre uma suposta ira contra a natureza feminina, baseadas na performance comum associada ao gênero feminino na Nova Espanha do século XVII.

No segundo capítulo, buscamos entender a quebra do silêncio em relação à autora, e seu resgate já no início do século XIX com a publicação do padre Alfonso Méndez Plancarte que se dedicou ao trabalho de edição das Obras Completas de Juana Inés. Nas notas deixadas por Méndez Plancarte, o autor parece transparecer um embaraço diante dos poemas “românticos” do primeiro volume, tendendo a colocá-los no que chama de “fantasia poética” ou “devaneio filosófico”.

Mas a metamorfose da imagem de Soror Juana estava somente começando, quando Ludwig Pfandl, muito ancorado nas correntes alemãs de sua época e na ascensão do debate acerca da sexualidade, publicou uma obra que se propunha a ser uma análise psicanalítica da autora. Neste volume, o autor retoma as tópicos uma a uma, agora sob uma nova roupagem, a da patologização. Das anedotas de Calleja sobre a vontade de Juana Inés de usar vestimentas

---

<sup>85</sup> SCHONS, Dorothy. Some Obscure points in the life of Soror Juana Inés de la Cruz”, *Modern Philology*, vol 24, 1926.

masculinas para ir a universidade ele constrói uma hipótese de masculinidade; sob sua ira contra a natureza feminina, ele constrói um ódio a figura masculina, e sob a paixão pelo marquês de Mancera, ele constrói agora uma paixão pela Marquesa, fruto da sua supressão sexual e narcisismo. Mas essas tópicas não operam sozinhas, elas são rizomáticas, e é nesse rizoma que surgem dois outros autores, La Canal e Octavio Paz.

Ao fim do segundo capítulo, me dediquei a analisar a obra do espanhol Fredo Arias de La Canal, que concorda em grande medida com seu antecessor Pfandl, mas procura dar profundidade ao esquema mental primeiro desenhado por esse. Neste processo, ele acaba firmando a hipótese da homossexualidade, associando ainda ao feminismo e termina por definir o afeto de Soror Juana pela Condessa como manifesto, ainda que platônico. Como vimos no terceiro capítulo, essas hipóteses, apesar de terem gerado grande impacto na percepção da imagem da autora, criaram ainda um amplo debate. A começar pela menção a Antônio de Alatorre, percebemos um movimento na contramão das propostas psicanalíticas, com uma tentativa de oferecer outras perspectivas, Soror Juana, agora em Alatorre, sonhou em ser um indivíduo do gênero *Homo Sapiens*, ou seja, suas críticas eram tentativas de protesto contra a tentativas de silenciamento que ela sofreu ao longo de toda a vida.

Ao longo do século XX, analisamos uma das obras mais importantes acerca da vida da Décima Musa, a obra “*As armadilhas da Fé*”, de Octavio Paz, que é sem dúvidas uma das mais influentes acerca da vida da freira jerônima. Apesar da profundidade e da complexidade do trabalho de Paz, ele acaba em muitos momentos repetindo as mesmas tópicas que Pfandl. Ele reafirma em certa medida a masculinização da freira e acaba por construir uma homossexualidade situacional, ainda que ele afirme que “ver nela uma lésbica é uma aberração”. Ainda assim, ele oferece ricas análises do caráter do amor Cortês e do estilo de escrita palaciano, assim como do próprio ambiente novo hispano, que são fundamentais para a construção de outras possibilidades de análise.

No terceiro e último capítulo, já ao final do século XX, procuramos analisar José Carlos Boixo, que nos ofereceu uma contraproposta substancial que aponta para os novos olhares que vemos surgir acerca da obra da freira mexicana. Seu trabalho não é tão denso e detalhado quanto o de seus antecessores, mas seu argumento é incisivo. Ele propõe que os poemas, muito ao contrário de uma masculinidade, revelam uma delicada feminilidade e familiaridade, e vai além, propondo que textos como *Hombres necios* e a comédia *los empeños de una casa* revelam vivências puramente femininas da Nova Espanha e críticas a estruturas de opressão à mulher. Segundo Boixo, o grande motivo dos escritores anteriores verem em Soror Juana uma expressão de masculinidade seria a incapacidade de seus intérpretes de notarem que o “eu

poético” em Sórora Juana é feminino. Uma vez que todo “eu poético” até então vinha de homens, Juana estaria negando o papel passivo da mulher nas produções sobre relação amorosa e em sua obra demonstra a capacidade de expressar uma variada gama de situações amorosas a partir da perspectiva feminina ativa.

Por último, é fundamental destacar as reverberações desse debate no imaginário popular e nas produções audiovisuais, assim como seu impacto na forma como Sorora Juana chega nas produções que vão do século XX ao XXI. Em “Yo, la peor de todas” (1990) de Maria Luisa Bemberg, vemos uma película que busca se basear na obra de Octavio Paz, mas que, ao tratar do tema da sexualidade, a apresenta de forma manifesta, não como um romance de fato, mas se expõe em uma cena em que Juana Inês e Maria Luisa se beijam. Para além disso, podemos ainda considerar a tradução colocada na capa da versão em inglês do filme que estampa a chamada “Lesbian passion, seething behind convent walls”<sup>86</sup>, que não somente distorce a proposta do filme em si como também vulgariza e sexualiza a imagem e a história de Juana Inês.

A produção mais recente sobre a obra da Freira é a série “Juana Inês”, produzida pela Netflix. Muito mais explícita do que o filme, no que diz respeito à relação entre a poeta e a vice-rainha, retrata um romance de fato entre as duas mulheres, o que pode não somente ser uma reverberação do amplo debate aqui descrito, como também ajuda a construir uma imagem da freira muito atrelada à questão.

Deste modo, foi possível perceber a importância da releitura crítica desses autores sob uma lente de interpretação tanto da análise dos discursos, como das propostas de análise dos estudos de gênero, uma vez que essas obras influenciaram diretamente na construção da memória de Sorora Juana. A pesquisa buscou, portanto, compreender o porquê da centralidade do tema da sexualidade em detrimento da produção de outros estudos no que tange à obra da poeta e como essa mesma centralidade ajudou a fundamentar uma imagem da freira também centrada em sua sexualidade na atualidade.

---

<sup>86</sup> BEMBERG, M. L., et al. (2003). Yo, la peor de todas. I, the worst of all. [New York], First Run Features.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALATORRE, Antonio. **Sor Juana y los hombres**. México, 1986.

ALATORRE, Antonio; TENORIO, Martha Lilia. **Una enfermedad contagiosa: los fantaseos sobre Sor Juana**. Nueva Revista de Filología Hispánica, v. 46, n. 1, p. 105-121, 1998.

BEMBERG, M. L., et al. (2003). **Yo, la peor de todas. I, the worst of all**. [New York], First Run Features

BOIXO, José Carlos González. **La poesía de la “inteligencia” en Sor Juana: Su proyección desde el ideario feminista**. Colonial Latin American Review, v. 4, n. 2, p. 125-138, 1995.

BOIXO, José Carlos González. **Feminismo e intelectualidad en Sor Juana**. In: Sor Juana Inés de la Cruz. Bulzoni Editore, 1997. p. 33-46.

BUXÓ, J. P. **Sor Juana Inés de la Cruz: el sentido y la letra**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliográficas, 2010

BUTLER, Judith. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTLER, J. **Bodies that matter. On the discursive limits of “sex”**. Londres: Routledge, 1993.

CALLEJA, Diego. s.f. **Vida de la Madre Juana Inés de la Cruz Religiosa Profesa en el convento de San Jerónimo de la Ciudad Imperial de México**, MS 18734, Biblioteca Nacional de España.

CANAL, Fredo Arias de la. **Intento de psicoanálisis de Juana Inés**. Frente de afirmación hispanista, México, 1988

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Elsevier, 2012.

CASTRO, Adolfo de, 1823-1898, ed.: **Poetas líricos de los siglos XVI y XVII**. Madrid, M. Rivadeneyra, 1854-57.

CHÁVEZ, Ezequiel A. **Sor Juana Inés de la Cruz, Ensayo de psicología**. México, Porrúa, 1981.

COLOMBI, Beatriz. **Diego Calleja y la Vida de sor Juana Inés de la Cruz. Vestigios y silencios en el archivo sorjuanino**. Exlibris, n. 7, p. 24-44, 2018.

DE LA MAZA, Francisco. **Catarina de San Juan: princesa de la India y visionaria de Puebla**. Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1990.

DE LA CRUZ, Sor Juana Inés de la. . **Obras Completas. Vol. I: Lírica Personal.** Romance 11: Pide, com discreta piedad, al señor arzobispo de México el sacramento de la confirmación. In: Idem. Obras Completas. Vol. I: Lírica Personal.

DE LA CRUZ, Juana Inés de la Cruz; Sister Juana Inés. **Carta a Sor Filotea de la Cruz.** UNAM, 2004.

ESPAÑA,R y SALCEDA,Guillermo «**El acta de bautismo de Sor Juana Inés de la Cruz.** Ábside xvi, 1952.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal.1979.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber.** 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II. O Uso dos prazeres.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal,1984,

GLANTZ, Margo. **Obras reunidas I. Ensayos sobre literatura colonial.** Fondo de cultura económica, 2014.

GOMES, Lílian Cristina Bernardo; OLIVEIRA, Warley Alves de. “**Claustros Castrados: a ocultação do sujeito sexual no interior dos conventos**”. In: Contextura, 11, Belo Horizonte, dez., 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo, SP: Atlas 2003.

LAVRIN, Asunción. **La vida femenina como experiencia religiosa: biografía y hagiografía en Hispanoamérica colonial.** Colonial Latin American Review, v. 2, n. 1-2, p. 27-51, 1993.

LAVRIN, Asunción. **Capítulo IV: La mujer en la sociedad colonial americana.** In: BETHELL, Leslie.

MAIA, Cláudia J. Genealogia da solteirona no Brasil. Comunicação apresentada no XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, 2011.

MAURÍCIO SOBRINHO, Manoel. **Contribuição ao estudo da continência.** Rio de Janeiro: Papelaria SOL, 1911. (These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) Acervo Washington Pires – CEMEMOR/MG.

MÉNDEZ PLANCARTE, Alfonso. **Obras Completas de Sor Juana Inés de La Cruz: Lírica Personal.** México 1951. tomo I.

NERVO, Amado. 1995 [1910]. **Juana de Asbaje.** Prólogo y notas de Aureliano Tapia Méndez. Toluca: Instituto Mexiquense de Cultura.

OVÍDIO. **As Metamorfoses**. Trad.: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.(IX, 666-797).

PAZ, Otávio. **Sóror Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé**. São Paulo: Mandarim, 1998;

PFANDL,Ludwig.**Sor Juana Inés de la Cruz: La décima musa de México**. México: Universidad Autónoma de México, 1963

PERYM,D.F. **Theatro Heroino, Abecedário histórico e Catálogo das mulheres ilustres em armas, letras, ações heróicas e artes liberaes ... etc.**), no qual incluiu (Lisboa, 1736, Vol. I, pp. 447-457).

ROBINSON, Beatriz Miriam. **Sor Juana y la ensalada villanciquera: cultura, etnicidade, multilinguismo y artes performativas en la Nueva España**. University of Nevada, 2009. p. 138-140

SCHONS, Dorothy. **Some Obscure points in the life of Sor Juana Inés de la Cruz**, Modern Philology, vol 24, 1926.

SCHMIDHUBER, G y PEÑA DORIA,O.M. **Familias paterna y materna de Sor Juana Inés de la Cruz**. Hallazgo documental, México: Centro de Estudios de História de México CARSO Carlos Slim, 2016.

SCHMIDHUBER DE LA MORA, Guillermo. **Pertinencia actual de la primera biografía de sor Juana Inés de la Cruz**. Estudios de história de España, v. 19, n. 2, p. 168-192, 2017.

SOMMERVOGEL,C. **Bibliothèque de la Compagnie de Jesus**, Brussels and Paris, 1891.

STANTON, A. (1990). **Reseña de Paz, Octavio. Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe**. México: FCE, 1982. Literatura Mexicana, 1(1), 242-248.

TRABULSE, Elías. 1997. **“El silencio final de sor Juana”**. Revista de la Universidad de México. N° 559, 11-8.